



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIAS E
CONTABILIDADE
CURSO DE FINANÇAS

JULIANA NASCIMENTO PESSOA

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO EXPERIÊNCIA ADVERSA NA
INFÂNCIA E SEUS EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA
REVISÃO INTEGRATIVA

FORTALEZA

2022

JULIANA NASCIMENTO PESSOA

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO EXPERIÊNCIA ADVERSA NA
INFÂNCIA E SEUS EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA
REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Ceará, como requisito
para o recebimento do título Bacharel em
Finanças.

Orientador (a): Prof. Guilherme Diniz Irffi

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P567v Pessoa, Juliana Nascimento.

Violência contra a mulher como experiência adversa na infância e seus efeitos no desenvolvimento infantil: Uma revisão integrativa / Juliana Nascimento Pessoa. – 2022.
119 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Finanças, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Guilherme Diniz Irffi.

1. Primeira infância. 2. Violência contra a mulher. 3. Desenvolvimento infantil. I. Título.

CDD 332

JULIANA NASCIMENTO PESSOA

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO EXPERIÊNCIA ADVERSA NA
INFÂNCIA E SEUS EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA
REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Ceará, como requisito
para o recebimento do título Bacharel em
Finanças.

Orientador (a): Prof. Guilherme Diniz Irffi

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Guilherme Diniz Irffi (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Isabela Braga Sales
Universidade Federal do Ceará

Prof. Caroline de Paula Brandão de Carvalho
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

A violência praticada pelo parceiro íntimo tem efeitos negativos não apenas na mulher, mas também nos demais membros que compõem o núcleo familiar em particular as crianças que testemunham os atos de violência. Este estudo tem como objetivo identificar os efeitos de se testemunhar a violência contra a mulher na infância e trata-se de uma revisão integrativa da literatura de artigos indexados na base de dados MEDLINE. A busca dos artigos foi realizada por meio dos descritores: *Children, Violence, Witnesses e Violence Against Women* concatenados com o operador lógico *AND* resultando em 46 estudos elegíveis. Foram identificados que os impactos nocivos às crianças: a falta de segurança emocional, insegurança alimentar, desnutrição ou obesidade crescente, interferência na altura e peso proporcional a idade, sono irregular, além da presença de morbidades infantis do trato respiratório e pulmonar, doenças inflamatórias persistentes, altas taxas de cortisol devido ao estresse de lares violentos, baixa frequência escolar e dificuldade em manter o foco, negligência pelos pais ou cuidadores, comportamentos perturbadores de internalização e externalização, tendência delinquentes, maus-tratos infantis, presença de sentimentos depressivos ou angustiantes, inclinação para a passagem precoce da adolescência para a vida adulta, e possibilidade de perpetuar violência na maior idade. Contudo, é necessário que mais estudos de longo prazo sejam realizados para acompanhar de forma assertiva e aprofundada essas consequências e posteriormente construir intervenções efetivas.

Palavras-chaves: Primeira infância, violência contra a mulher, desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

Intimate partner violence has negative effects not only on women, but also on other members of the family, in particular children who witness acts of violence. This study aims to identify the effects of witnessing violence against women in childhood and it is an integrative literature review of articles indexed in the MEDLINE database. The search for articles was performed using the descriptors: Children, Violence, Witnesses and Violence Against Women concatenated with the AND logical operator, resulting in 46 eligible studies. It was identified that the harmful impacts on children: lack of emotional security, food insecurity, malnutrition or increasing obesity, interference in height and weight proportional to age, irregular sleep, in addition to the presence of childhood morbidities of the respiratory and pulmonary tract, persistent inflammatory diseases, high cortisol levels due to the stress of violent homes, low school attendance and difficulty maintaining focus, neglect by parents or caregivers, disturbing internalizing and externalizing behaviors, delinquent tendencies, child abuse, presence of depressive or distressing feelings, inclination towards the early transition from adolescence to adulthood, and the possibility of perpetuating violence at an older age. However, more long-term studies need to be carried out to assertively and in-depth monitor these consequences and subsequently build effective interventions.

Keywords: Early childhood, violence against women, child development.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados da busca de frases no site PubMed.....	12
Tabela 2- Assuntos mais abordados nos estudos.....	19

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Quantidade de estudos por ano de publicação.....	15
Gráfico 2: Quantidade de estudos por recrutamento das amostras.....	16
Gráfico 3: Relação de estudos por país.....	16
Gráfico 4: Relação de estudos por público-alvo.....	17

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACEs	Adverse Childhood Experiences
DHS	Pesquisa Demográfica e de Saúde da Colômbia
DSM-IV	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- IV
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCR	Proteína C reativa
PUBMED (NLM).	National Library of Medicine (NLM)
VPI	Violência por Parceiro Íntimo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	NOTAS METODOLÓGICAS.....	11
3	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	15
4	DISCUSSÃO E RESULTADOS	18
4.1.	Relatos da violência	19
4.2.	VPI e impactos na nutrição infantil.....	20
4.3.	Morbidades infantis associadas a violencia doméstica contra a mulher	21
4.4.	Conflitos interparentais e desajuste escolar	23
4.5.	Efeitos da VPI intergeracional	23
4.6.	Associação entre VPI e problemas emocionais e comportamentais.....	24
4.7.	Efeitos da prevalência da VPI e coocorrência	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
	APÊNDICE A – SUMÁRIOS DOS ESTUDOS COLETADOS PELA REVISÃO INTEGRATIVA.....	35
	APÊNDICE B-RESUMO DOS ESTUDOS.....	85

1 INTRODUÇÃO

As experiências adversas na infância (ACEs) compreendem uma sequência de eventos em que crianças logo na primeira infância (fase entre zero a seis anos) pode estar inserida em ambientes hostis ou de grande instabilidade familiar, testemunhar violência em casa ou na comunidade ou ainda vivenciar situações potencialmente traumáticas caracterizadas por: negligência, abusos físicos ou psicológicos (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2021).

Os primeiros estudos que contribuíram para disseminar informações a respeito das ACEs surgiram nos anos 1990 nos Estados Unidos, Inglaterra e País de Gales e constataram que o estresse tóxico de vivenciar situações negativas na infância pode gerar danos na atividade cerebral e problemas de natureza fisiológica o que, por sua vez, pode gerar indivíduos suscetíveis às doenças crônicas, debilidade nas práticas sociais e ainda tornarem-se transmissores naturais da violência (Collingwood et al., 2018).

Segundo uma pesquisa em saúde pública conduzida pela Liverpool John Moores University em 2016 que analisou os efeitos negativos das experiências adversas na infância, concluiu-se que adultos com mais de quatro relatos de ACEs na infância se quando comparados ao grupo de controle que não apresentavam nenhum relato, são três vezes mais suscetíveis a se tornarem fumantes, quatro vezes mais propensos a ter uma gravidez não planejada e com dez vezes mais chances de ser um perpetrador de violência na vida adulta (PUBLIC HEALTH INSTITUTE, 2016).

As pesquisas conduzidas por Felitti et al. (1998) no fim dos anos 90 contribuíram para identificar e categorizar as ACEs em sete pontos específicos atribuindo um grau para cada exposição infantil negativa com relação a abusos físicos, psicológicos, sexuais, emocionais, além de incluir também comportamentos disfuncionais nas famílias como agressões interparentais ou qualquer tipo de violência direcionada a progenitora, ou cuidador do sexo feminino.

Nesta perspectiva, a –testemunhar a violência doméstica e seus efeitos negativos na saúde mental, física, comportamental e de aprendizado nas crianças e adolescentes é investigada na literatura de modo a se obter evidências acerca desses efeitos prejudiciais e como podem ser amenizados.

A violência por parceiro íntimo é um problema social, pois observando a partir de uma esfera global a OMS estima que 35% das mulheres no mundo já sofreram violência física ou sexual, que não somente afeta a própria vítima,mas também impacta seus filhos menores de

cinco anos que como consequência da violência doméstica testemunhada elevam as taxas de mortalidade e morbidades infantis (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2021).

Quando analisados em países com baixo índice de desenvolvimento humano esses dados a respeito da violência de gênero são ainda piores. O Brasil registrou 230 mil denúncias de violência em todo o país no ano de 2020 e ainda apresenta uma característica intrínseca de países subdesenvolvidos na qual a violência e as condições sociais desfavoráveis atingem as camadas mais vulneráveis da população, pois os dados evidenciam que as mulheres mais afetadas pela violência por parceiro íntimo estão na faixa etária jovem e produtiva entre 18 à 29 anos e indicam que 61,8%, ou seja, mais da metade das vítimas eram negras. (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2021).

Diante do exposto, esta pesquisa tem o objetivo de descrever e analisar os principais efeitos da violência doméstica e familiar contra a mulher como experiência adversa no desenvolvimento infantil. Utilizando como metodologia a revisão integrativa que contribui para sintetizar o conhecimento formulado em estudos já existentes de forma ordenada e sistemática, nesta perspectiva é utilizada afim de analisar a literatura pertinente que objetiva investigar as sequelas de testemunhar a violência contra a mulher logo na primeira infância. Para concretizar este objetivo optou-se por estruturar a pesquisa em seções. São elas: introdução com apresentação da temática abordada. Anotações metodológicas de revisão integrativa, que apresenta como o método foi desenvolvido análise e discussão dos resultados encontrados e, por fim, são discorridas as considerações finais a respeito dos dados.

2 NOTAS METODOLÓGICAS

A revisão integrativa caracteriza-se como um método que utiliza uma ampla base de estudos para investigar fenômenos relevantes e multidisciplinares para a sociedade. Os dados resultantes desta metodologia de caráter secundário servem como base para compreensão de conceitos e teorias a respeito de diversas temáticas da ciência, em conjunto com rigor científico introduz um caráter passível de replicação (Sampaio; Mancini, 2007).

Dessa forma, para que o método de revisão integrativa da literatura possa constituir resultados de qualidade e aplicáveis na prática é necessário cumprir etapas criteriosas, tais como: elaboração da pergunta norteadora, seleção do material relevante na base de dados nesta fase os critérios de inclusão e exclusão são fundamentais para a pesquisa, extração dos dados e por fim análise crítica os estudos incluídos e realizar uma discussão a respeito dos dados evidenciados.

O presente trabalho apresenta como base a pergunta norteadora: –Quais os efeitos da violência doméstica e familiar contra a mulher sobre o desenvolvimento infantil? || Para isso realizou-se uma busca de estudos no portal PubMed um recurso gratuito e mantido pela Biblioteca Nacional de Medicina (NLM) dos Estados Unidos que utiliza a base de dados MEDLINE que, por sua vez, armazena aproximadamente 5.400 periódicos relacionados as áreas biomédicas.

Na seleção de estudos foram utilizadas o conjunto de palavras-chave a seguir : *Children, Violence, Witnesses e Violence Against Women* (DeCS) concatenadas com o operador Booleano AND entre a primeira e última palavra para formar uma frase de busca que contribui para que o sistema defina parâmetros na seleção de dados.

Para os critérios de elegibilidades do material optou-se por buscar artigos no idioma inglês e disponibilizados de forma integral e online para abranger o maior número de pesquisas possíveis, além de priorizar estudos com uma abordagem quantitativa, qualitativa ou estudos que utilizam a abordagem quali-quantitativa. Não houve restrição alguma quanto ao ano de publicação, de modo que o artigo mais atual foi publicado em 2021 e o mais antigo em 2008. As pesquisas selecionadas inicialmente utilizaram o critério de inclusão pela leitura do título e análise do resumo que respondessem à pergunta norteadora conforme o tema de pesquisa desta revisão.

Tabela 1: Resultados da busca de frases no site PubMed

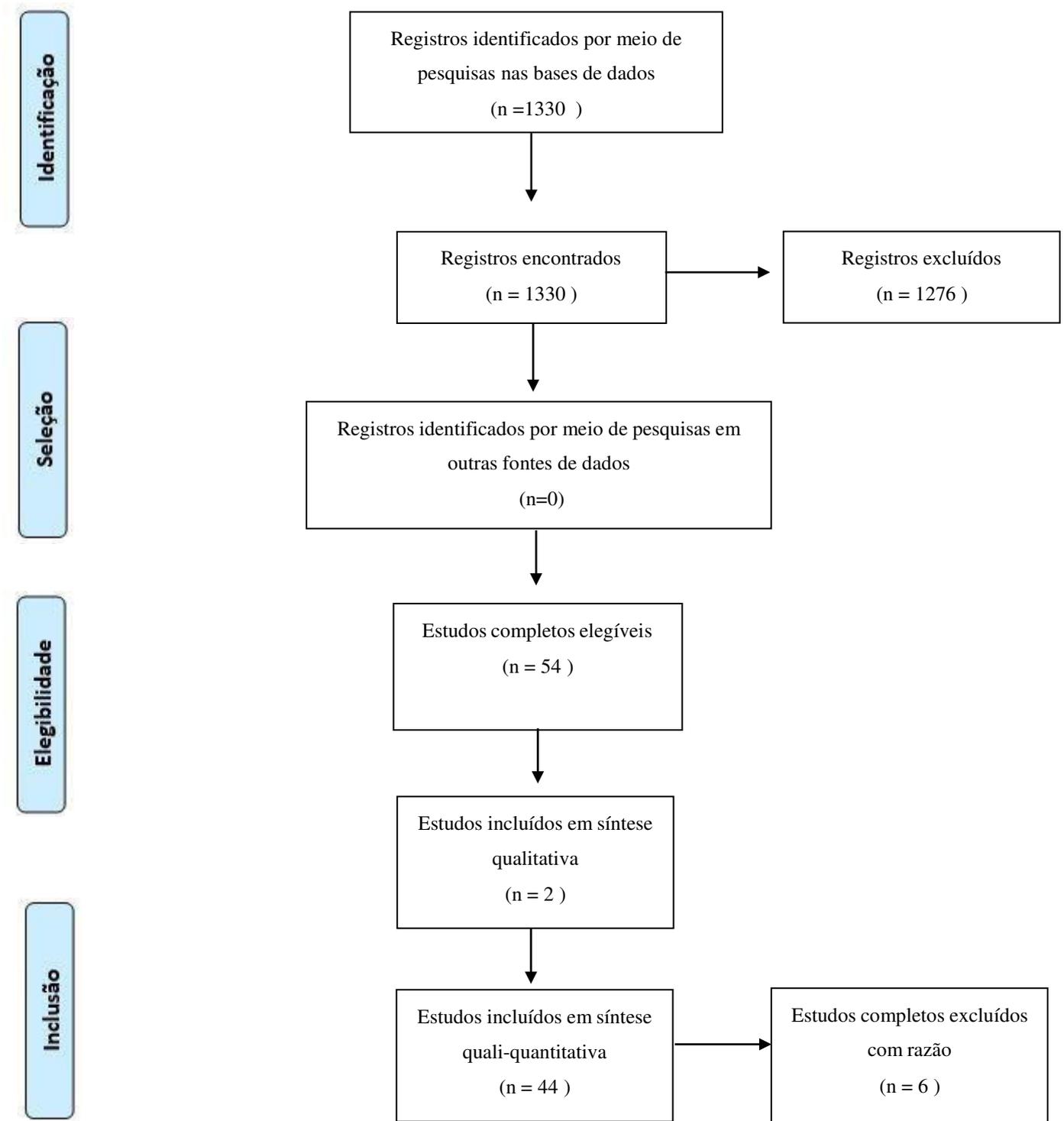
Frases de busca	Quantidade de artigos	Elegíveis
<i>Violence against women AND children AND witnesses AND violence</i>	1330	46
Total	1330	46

Fonte: Elaborado pela autora.

Note que a frase de busca retornou 1.330 artigos, mas que após a verificação dos títulos, resumos e posteriormente de todo o texto foi realizado uma extração minuciosa das informações segundo o tema de pesquisa e assim resultou em apenas 46 artigos elegíveis. A obtenção da análise crítica e síntese dos dados foi realizada mediante a um instrumento de coleta (APÊNDICE A) onde foram apuradas as seguintes informações principais visando a sistematização do conhecimento referente a autoria, título do artigo, objetivo da pesquisa, metodologia, público alvo, tamanho da amostra, país onde foi realizada, resultados e conclusão.

Os estudos selecionados são categorizados como qualitativos que nesta pesquisa correspondem a 2 artigos que se sustentam por uma perspectiva subjetiva de relatos, de um determinado grupo de indivíduos e 44 artigos quali-quantitativos fundamentados em relatos e combinados com estatísticas descritivas, além de outros métodos quantitativos para agregar confiança e assertividade aos resultados, e finalmente todos foram agrupados em conformidade com os assuntos mais discutidos em cada pesquisa, afim de sintetizar a discussão. Inicialmente encontrou-se 1.330 estudos, mas quando aplicado os critérios de elegibilidade que contém dados e informações relevantes para o problema de pesquisa da violência contra a mulher como experiência adversa na infância e possíveis efeitos nas crianças testemunhas da violência foram selecionados 52 pelo título e o resumo, excluídos com razão 6 artigos dos quais 3 por se tratarem de revisões sistemáticas e 1 por ser de revisão integrativa, 2 por serem estudos inconclusivos, então a revisão final é composta por 46 estudos, o procedimento está na figura 1 e foi elaborado a partir do protocolo Prisma :

Figura1: Fluxograma PRISMA dos artigos encontrados nas bases de dados PubMed/MEDLINE

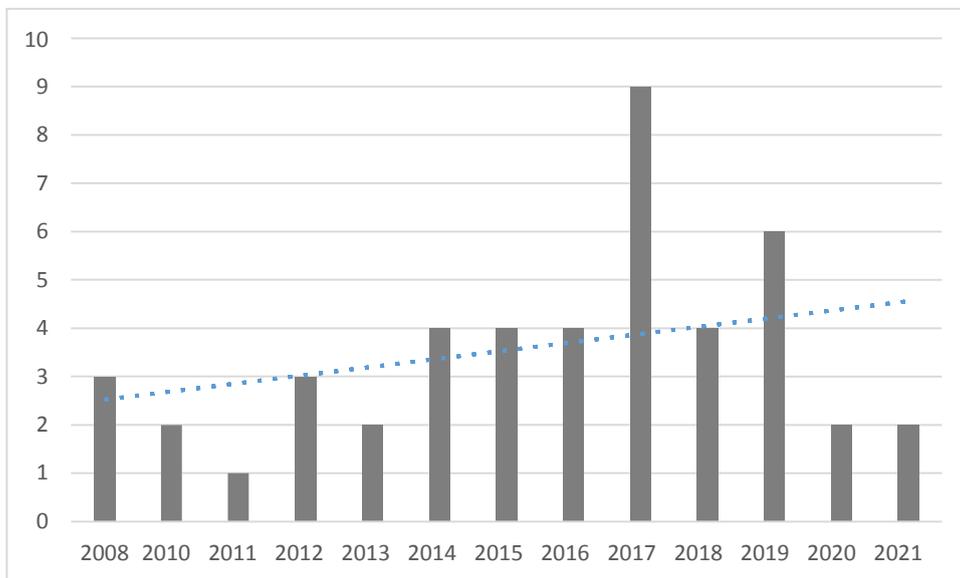


A partir desse procedimento de seleção de estudos é possível comparar informações e analisar os dados e, assim estabelecer conexões de informações a respeito das correlações e causalidades entre a violência doméstica contra a mulher e danos emocionais, mentais e fisiológicos para as crianças testemunhas.

3 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Ao observar de forma analítica, tem-se que dos 46 estudos catalogados, nove foram publicados no ano de 2017 e seis em 2019. Verifica-se no Gráfico 1 que há um aumento das publicações na área de pesquisa a partir de 2008. A linha de tendência presente no gráfico nos informa que pode haver um número crescente de publicações futuras.

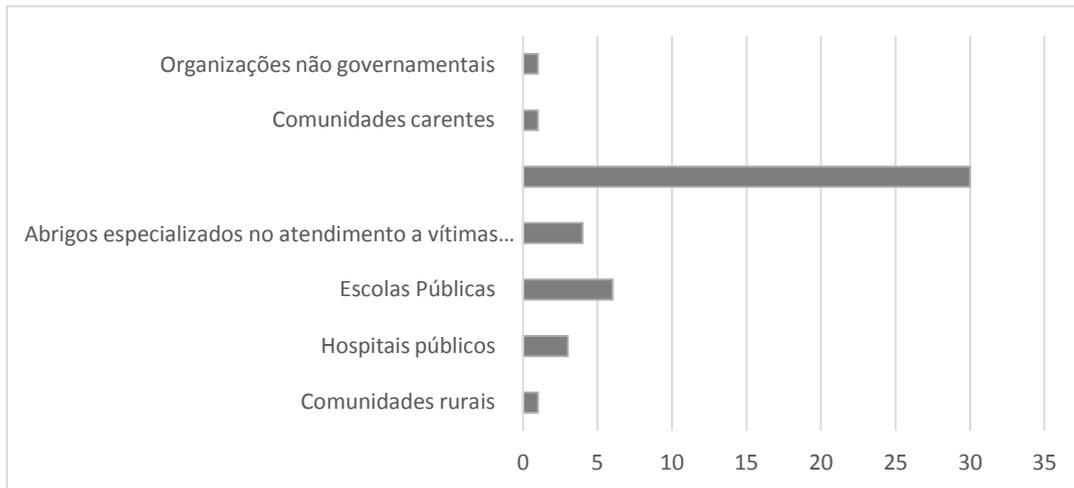
Gráfico 1 Quantidade de estudos por ano de publicação



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação as amostras coletadas para compor as pesquisas, o Gráfico 2 apresenta locais de recrutamento da população. Observa-se que 30 dos artigos catalogados tiveram suas amostras coletadas a partir dos bancos de dados nacionais em saúde, violência e demografia que são compostos por cadastros de famílias que estão em situação de vulnerabilidade social ou inseridas em algum programa de proteção contra a violência. Seis artigos tiveram suas amostras coletados em escolas públicas com crianças em idades entre 0 à 17 anos, e quatro dos estudos foram com populações cadastradas em abrigos especializados no atendimento as das mulheres com filhos menores de 18 anos vítimas de violência pelo parceiro ou com alguma medida protetiva vigente.

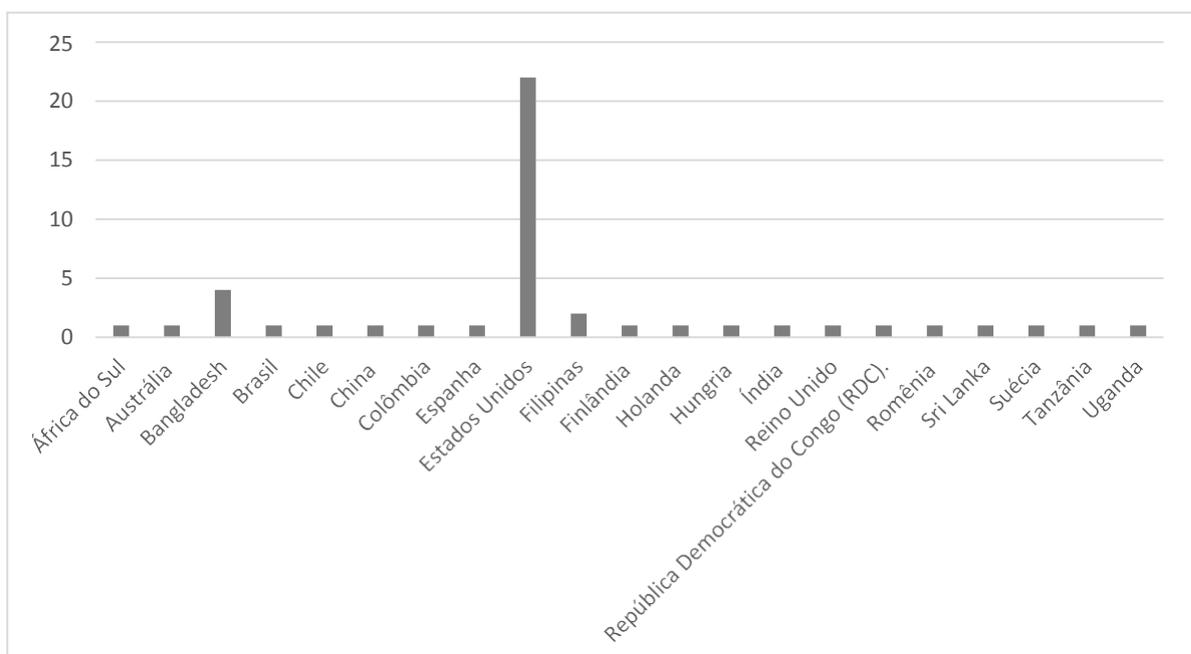
Gráfico 2: Quantidade de estudos por recrutamento das amostras



Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 3 apresenta a quantidade de artigos coletados por país de origem do estudo. O país com a maior quantidade de estudos produzidos foram os Estados Unidos com 22 estudos representando 47,8% do total de estudos catalogados. O segundo país com maior incidência de estudos é Bangladesh representando 8,7% do total catalogado.

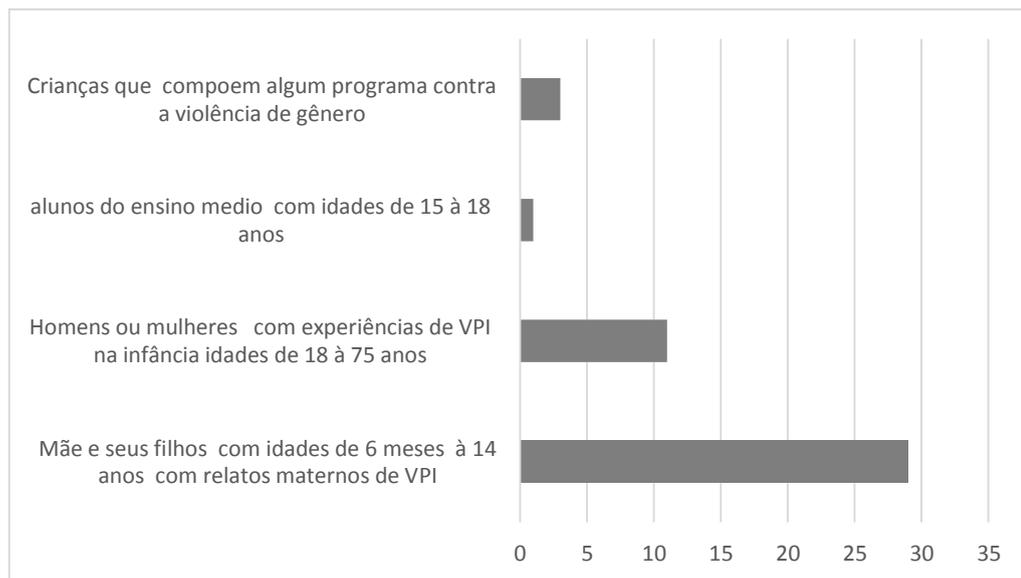
Gráfico 3 Relação de estudos por país



Fonte: Elaborado pela autora

O Gráfico 4 apresenta o gênero e idade do público-alvo dos estudos. Observa-se o foco principal dos estudos são mães vítimas de violência e seus filhos com idades de 6 meses até os 14 anos, além de homens e mulheres acima dos 18 anos que tiveram algum histórico de violência doméstica durante a infância.

Gráfico 4 Relação de estudos por público-alvo.



Fonte: Elaborado pela autora

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A discussão dos resultados é pautada na seleção dos 46 artigos em que 4,34% dos estudos catalogados são classificados em estudos qualitativos e 95,65% dos artigos catalogados são quantitativos, ou seja, utiliza métodos mistos de entrevistas e produz evidências baseadas em estatísticas, e assim tenta reduzir ao máximo alguma ocorrência de viés.

Segundo a caracterização das amostras do público-alvo, verifica-se que 2,17% estão relacionados a alunos do ensino médio de escolas públicas escolhidas de forma aleatória, 6,52% corresponde a crianças e mulheres que fazem parte de algum programa nacional de prevenção ou tratamento de violência de gênero, 23,91% de homens ou mulheres relataram alguma experiência de VPI na infância e 63,04% ,ou seja, mais da metade das amostras compreende o público de mãe, e seus filhos com relatos maternos de VPI.

Quanto ao objetivo principal dos estudos constata-se que 4,34% dos 46 artigos avaliam-se a VPI é capaz de impulsionar outras formas de violência infantil, além disso, cerca de 4,34% investigam os efeitos de VPI nos resultados educacionais das crianças que presenciam a violência. A problemática mais abordada pelos autores tem o foco nos efeitos da prevalência de VPI e coocorrência 26,08%, além disso, 30,46% dos artigos observam a associação entre violência pelo parceiro e problemas emocionais, comportamentais e físicos na infância ou adolescência. Há também interesse cerca de nos efeitos intergeracionais de se testemunhar a VPI na infância 15,21%.

Para uma adequada compreensão do trabalho e das considerações levantadas optou-se por construir uma discussão de resultados baseada em uma argumentação de acordo com os tópicos de assuntos recorrentes nos artigos conforme a Tabela 2:

Tabela 1- Tópicos de assuntos abordados nos estudos

Assuntos abordados	Porcentagem de artigos
Relatos de violência	4,34
Efeitos da VPI intergeracional	15,21
Efeitos da prevalência de VPI e coocorrência	26,08
Associação entre VPI e problemas emocionais e comportamentais na infância ou adolescência	30,43
Associação entre VPI e resultados educacionais	4,34
Associação entre VPI e problemas na saúde física das crianças	19,56
Total	100

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a análise dos artigos catalogados elaborou-se as seguintes categorias para discussão: Relatos da Violência (Galántai; Ligeti; Wirth., 2019, Pernebo; Almqvist., 2017,) VPI e impactos na nutrição infantil(Ziaei; Naved; Ekström, 2014; Ackerson; Subramanian, 2008) Morbidades infantis associadas ao testemunho da violência doméstica (Ferdousy; Matin, 2015, Orr et al., 2020, Suglia et al., 2008, Bintabara; Kibusi, 2018, Slopen et al., 2018, Chan et al., 2019) conflitos interparentais e desajuste escolar (Assaad; Friedemann-Sánchez; Levison, 2017; Abel et al., 2019; Coe et al. 2017) efeitos da VPI intergeracional (Roberts et al., 2010; Glass et al., 2018; Narayan; Englund; Egeland, 2013; Narayan et al., 2017; Fonseca; Minnis; Gomez, 2015; Forke et al., 2019) associação entre VPI e problemas emocionais e comportamentais (Rosser-Limiñana; Suriá-Martínez; Pérez, 2020; Chander et al., 2017; Davies et al., 2016; El-Sheikh et al., 2008; Sianko; Hedge; Mcdonell, 2019; Sturge-Apple et al., 2012; Towe-Goodman et al., 2012; Sousa et al., 2011; Febres et al., 2014; Spiller et al., 2012; Brown et al., 2015; Garrido et al., 2011; Nowakowski et al., 2016).

4.1. Relatos da violência

Com relação aos dois artigos qualitativos originários da Hungria (Galántai; Ligeti; Wirth., 2019) e Suécia (Pernebo; Almqvist., 2017) suas evidências baseiam-se na observação dos relatos das vítimas em relação às experiências da mãe e seus filhos no contexto de violência por parceiro íntimo.

A caracterização do público alvo corresponde a mães com filhos entre a faixa etária de 6 meses a 14 anos que compõem as bases de dados nacionais sobre saúde, violência e demografia. Os estudos são similares no sentido do mesmo propósito, ou seja, coletar relatos, mas diferem quanto ao interlocutor, enquanto o estudo (Galántai; Ligeti; Wirth., 2019) foca nos relatos de mães com experiência em violência doméstica continuada após a separação e crianças sob guarda compartilhada, o estudo de (Pernebo; Almqvist.,2017) concentra-se em interpretar relatos de percepção dos filhos sobre seus pais abusadores.

O estudo aponta que mesmo após a separação do parceiro, mas com a concessão de permissão da justiça para custódia compartilhada dos filhos a VPI ainda acontecerá e seus filhos podem sofrer com alguma situação de coerção ou manipulação por parte do progenitor, ou seja, o contato mesmo que ainda de curto período entre pai/abusador e seus filhos podem contribuir para a perpetuação da violência contra a mulher e ainda pode ser prejudicial à segurança e ao bem-estar psicológico e emocional da criança (Galántai; Ligeti; Wirth., 2019).

As entrevistas realizadas com crianças expostas VPI (Pernebo; Almqvist., 2017) indicam que aquelas que apresentaram hesitação, falta de coerência nos relatos e sintomas físicos de ansiedade sugerem que as memórias traumáticas dos pais abusadores com elevados níveis de violência prejudicam a articulação e contribuem para o distanciamento social na infância e pode progredir até a fase adulta.

As análises indicam que os estudos se complementam no sentido de advertir que a exposição prolongada ao cenário de violência e o contato direto com o agressor da mãe contribui para perpetuação da VPI e para o surgimento de efeitos negativos, principalmente, no que diz respeito ao desenvolvimento psicossocial infantil. Além disso, posteriormente a figura paterna pode ser interpretada como desencadeador de traumas (Galántai; Ligeti; Wirth., 2019).

4.2. VPI e impactos na nutrição infantil

A violência psicológica, emocional e física que a mãe ou cuidador sofre pelo parceiro íntimo reflete na criança de forma negativa em efeitos na saúde mental e de bem-estar físico. Segundo (Ziaei; Naved; Ekström, 2014) crianças com 5 anos, filhos de mulheres que relataram alguma experiência de violência pelo parceiro podem ser mais propensas a apresentar baixa estatura, baixo índice de massa corpórea e tendência ao emagrecimento.

A associação entre violência doméstica e os resultados nutricionais negativos das mães e dos seus filhos são ocasionadas pela imposição da restrição alimentar para punir a parceira já que o agressor na maioria das vezes é caracterizado como principal provedor da casa, além

disso, somam-se ainda: fatores estressantes e o cotidiano violento como propensão a menor ingestão de alimentos o que ocasiona altos índices de desnutrição nesse determinado público-alvo (Ackerson; Subramanian, 2008).

Em contraposição a associação positiva forte entre violência contra mulher e desnutrição infantil. (Boynton-Jarrett et al., 2010) investigou o impacto da violência doméstica por parceiro íntimo e a ocorrência de níveis de obesidade em crianças com até 6 anos. Constatou-se que níveis elevados de periodicidade e graus da violência sofridos somados a fatores como estresse emocional manifestado como compulsão alimentar que torna a comida como subsídio para enfrentar a ansiedade de viver em um lar violento aumenta em 80% a probabilidade da obesidade afetar as crianças.

Os estudos (Ziaei; Naved; Ekström, 2014), (Ackerson; Subramanian, 2008), (Boynton-Jarrett et al., 2010) relacionados à segurança alimentar da mãe e das crianças vítimas corroboram que dependendo do grau de exposição a violência há algum efeito nutricional negativo nas crianças seja de compulsão alimentar ou desnutrição, assim os estudos sugerem que as estratégias de intervenção devem ser focadas em prevenir a violência contra mulher em conjunto com táticas para avaliar a saúde e nutrição infantil.

4.3. Morbidades infantis associadas a violencia doméstica contra a mulher

No estudo de coorte de base populacional com crianças aborígenes e não aborígenes na Austrália Ocidental (Orr et al., 2020) a exposição de mulheres a violência doméstica durante o período pré-natal até os 5 anos pode ser um fator preponderante para que as crianças possam ser hospitalizadas mais vezes.

Ferdousy e Matin, (2015) relatam que a infecção respiratória aguda, é uma das morbidades infantis mais comuns em países do sul da Ásia como Bangladesh, Índia e Nepal e estão relacionados a exposição a violência doméstica. Em sua pesquisa com dados transversais, constatou-se que as más condições fisiológicas podem ser resultados dos efeitos de vários níveis de exposição a violência sofridos pela mãe. Isto é, mulheres abusadas tendem a estar com a saúde mental abalada e constantemente coagidas pelo parceiro, caracterizando uma das facetas do machismo que pode limitar a autonomia para decidir sobre saúde, alimentação e até mesmo os tipos de cuidados necessários para a boa saúde dos filhos e assim tornando-os mais vulneráveis a doenças.

O estudo conduzido por Suglia et al. (2008) também reforça a ideia de que as doenças respiratórias e outras infecções do trato respiratório são efeitos da exposição da VPI em crianças de 6 e 7 anos de idade. Controlando fatores como exposição ao tabagismo, alergias prévias e fatores ambientais os achados sugerem que um fator estressante crônico pulmonar principalmente na primeira infância está associado com a violência doméstica presenciada e ainda ressalta que as meninas tendem a ter resultados piores para a função pulmonar quando expostas à violência do que os meninos. (Bintabara; Kibusi, 2018) também complementam na sua pesquisa com dados de 2010 a 2016 afirmando que a ocorrência de VPI em conjunto com baixa escolaridade e níveis elevados de pobreza podem contribuir para o desenvolvimento de problemas de saúde em crianças principalmente no que diz respeito ao quadro geral de saúde respiratório em crianças logo na primeira infância.

De modo complementar, Slopen et al. (2018) em seu estudo transversal observacional sugere que a violência perpetuada pelo parceiro da mãe como adversidade na infância pode ser um fator agravante na saúde em crianças inicialmente saudáveis ou ainda em crianças com algum problema prévio de saúde. As crianças que presenciam a violência materna apresentam elevados níveis de PCR (Proteína c-reactiva) e podem tornar-se mais suscetíveis a distúrbios fisiológicos infantis como infecções ou tendências a inflamações na infância.

No ensaio clínico de Chan et al. (2019) investigou de maneira mais profunda os riscos biológicos para as crianças já que sua pesquisa buscou observar os efeitos da VPI em mulheres e em seus bebês recém-nascidos. Os autores encontraram evidências no telômero do sangue do cordão umbilical dos filhos das vítimas de VPI observando as particularidades da violência logo nos primeiros meses de vida, e concluiu que há fortes indicadores de que devido ao abuso psicológico sofrido durante a gestação há um encurtamento dos telômeros ao nascer o que posteriormente pode ser um fator preponderante para doenças crônicas no futuro.

Os estudos alertam que os efeitos negativos da exposição a VPI na saúde das crianças que ocorrem logo no início da primeira infância pode indicar que as intervenções como políticas de cuidados sejam multidisciplinares em saúde e devam ocorrer logo na fase inicial de 0 a 5 anos.

4.4. Conflitos interparentais e desajuste escolar

Em uma pesquisa que utilizou dados da Pesquisa Demográfica e de Saúde (DHS) de 2005 da Colômbia (Assaad; Friedemann-Sánchez; Levison, 2017) buscou-se um método adequado que pudesse estimar os reais impactos da violência doméstica em crianças de 6 a 14 anos que frequentam escolas públicas já que os métodos usuais apresentavam lacunas existentes. Para alguns métodos de estimação a baixa frequência escolar e a VPI apresentam uma relação positiva causal, mas para outros métodos os resultados foram contraditórios, assim não há a assertividade..

Porém, alguns achados de Abel et al. (2019) que utilizam o método de coorte de base populacional com uma amostra de 3.153 mães e filhos constatou que as crianças nascidas de mães que sofreram VPI no pré / perinatal e pós-natal tem o QI menor ao atingirem os 8 anos se comparado com mães que passaram por uma gestação mais tranquila e saudável.

De acordo com Coe et al. (2017) em sua pesquisa utilizando uma base populacional de crianças em idade pré-escolar de até 4 anos compondo, uma amostra de 243 indivíduos e com auxílio de métodos multivariados foi apontado que problemas de adaptação na escola relacionados a baixa frequência escolar durante o período de um ano podem ser efeito da insegurança familiar resultante da exposição ao conflito entre os pais.

Com relação ao conteúdo dos estudos há limitações de caráter metodológicos que refletem em resultados conflituosos e a idade dos estudantes nos estudos não são tão próximas para inferir resultados mais abrangentes a respeito de como a instabilidade familiar pode afetar a vida escolar da criança.

4.5. Efeitos da VPI intergeracional

No estudo proposto por Roberts et al. (2010) fez-se um grupo focal com homens americanos de 20 anos ou mais nos anos de 2004 e 2005, de modo a obter alguma relação causal apenas entre meninos que presenciaram algum ato violento do parceiro contra a mãe e a probabilidade de na fase adulta esse indivíduo seja um possível agressor. O estudo concluiu que esse risco está entre 56% ou 63% se comparado a outros entrevistados que não tiveram experiências adversas na infância análogas a esta. Em outra perspectiva, (Glass et al., 2018) na análise secundária de dados de um ensaio de eficácia demonstrou que a VPI intergeracional tem mais impacto nas meninas adolescentes no que diz respeito a saúde mental, frequência escolar e comportamentos como agressividade e hiperatividade.

Estudos conduzidos com homens no Sri Lanka revelaram que a violência intergeracional é um fator de risco para outras formas de experiências adversas na infância além de aumentar as chances de reprodução da violência por homens na fase adulta (Fonseka; Minnis; Gomez, 2015; Forke et Al., 2019).

Quanto à transmissão da violência por gerações Rada et al. (2014) acredita que as culturas em que a figura masculina é vista como detentor de poderes coercitivos em relação às mães e filhos este aspecto cultural pode ser um fator de risco já que essa visão contribui para o pensamento socialmente aceito e justificado para a perpetuação da violência infantil e contra mulher.

As intervenções para esses casos podem estar relacionadas com a perspectiva de gênero, isto é, as políticas de prevenção a violência podem ser aplicadas para compreender a necessidade de cada um já que os efeitos diferem para ambos os sexos, e assim romper o ciclo de violência.

4.6. Associação entre VPI e problemas emocionais e comportamentais

Em um estudo conduzido com mãe e filhos que estavam alocados em abrigos para vítimas de violência de gênero foram avaliadas as competências da mãe como cuidadora e os resultados sugeriram que após a experiência de violência sofrida o relacionamento entre progenitora e filho é comprometido e as mães têm suas competências parentais defasadas enquanto as crianças apresentam uma maior taxa de comportamentos extenalizantes (Rosser-Limiñana; Suriá-Martínez; Pérez, 2020). Para Chander et al. (2017) estudos conduzidos na África do Sul ressaltam que aspectos psicológicos negativos a respeito do cuidador vitima de VPI mantém uma forte correlação com comportamentos internalizantes¹. Comparativamente semelhante ao encontrado por (Davies et al., 2016) a insegurança emocional vivenciada pelas crianças em contexto de VPI podem estar associadas a níveis maiores de sintomas de internalização.

Além da indisponibilidade materna, o estudo conduzido por (Sturge-Apple et al., 2012) sobre o estresse na infância aponta que o alto grau de insegurança emocional da criança está relacionado com as relações interparentais conflituosas que podem elevar os níveis de cortisol e prejudicar o sistema imune e nervoso do indivíduo. Nessa mesma linha de

¹ se caracterizam como distúrbios pessoais, a saber, ansiedade, retraimento, depressão e sentimento de inferioridade.

raciocínio, realizou-se um estudo por Towe-Goodman et al.,(2012) com uma amostra de bebês de até 9 meses que residiam em comunidades de baixa renda nos estados da Pensilvânia e Carolina do Norte. De acordo com os dados, os bebês apresentaram uma probabilidade de 33% de desenvolverem padrões de respostas comportamentais negativos devido a permanência em lares com histórico de violência interpaparental.

A dupla exposição à violência, isto é, quando o indivíduo é testemunha e vítima de abusos ao mesmo tempo, é o tema investigado por Sousa et al. (2011) em seu estudo longitudinal de Lehigh com uma amostra de 457 crianças e pais recrutados de programas sociais. Os resultados indicam que 47,5% dos adolescentes seguidos dos 18 meses de vida até a etapa final do estudo com 18 anos e que foram duplamente expostos apresentaram comportamentos antissociais ou envolveram-se em alguma atividade criminosa com níveis de delinqüência de grau leve, médio ou alto. A observação constante do descontrole emocional e o perfil agressivo demonstrado pelos pais contribui para a construção de uma personalidade delinqüente dos filhos (Febres et al., 2014).

O comportamento perturbador de filhos de mulheres abusadas também é verificado por (Spiller et al., 2012) que utilizaram critérios para o DSM-IV(Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) realizado pela Associação Americana de Psiquiatria e que aborda os aspectos clínicos, estatísticos e epidemiológicos dos transtornos mentais. Constatou que comportamentos perturbadores como recusa em aceitar ordens, comportamento hostil ou vingativo, excesso de mentiras ou falta de empatia além de destruição de objetos são mais frequentemente encontrados em crianças de 4 a 8 anos das quais as mães relataram vivenciar a violência sexual pelo cônjuge.

Com o intuito de investigar como o transtorno de estresse pós-traumático se manifesta em ambos os sexos (Brown et al., 2015) conduziram um estudo com adultos do sexo masculino e feminino de 18 anos ou mais que sofreram algum tipo de experiência adversa como abusos físicos e psicológicos na infância combinados com a exposição a violência interpaparental. Os resultados indicam que para ambos os sexos o diagnóstico de transtorno pós-traumático e casos de abusos por substâncias estão presentes nos dois gêneros, mas com ressalva para os homens que apresentaram taxas um pouco mais expressivas. Ainda nessa perspectiva de gênero (Garrido et al., 2011) abordam que os filhos do sexo feminino das mulheres vítimas de violência de gênero são mais propensas a maus-tratos infantis ou outras formas de experiências adversas perpetradas pelo pai do que se comparado aos meninos, a possível hipótese levantada é que na visão psicológica do pai agressor a figura feminina da mãe e da filha são semelhantes.

Quanto aos distúrbios mentais e sono irregular Nowakowski et al. (2016) realizou um estudo longitudinal com duração de 3 anos com uma amostra de estudantes do ensino médio e os resultados demonstram que a exposição prolongada de adolescentes ao contexto de violência interpaparental contribui para que a duração das noites de sono desses indivíduos seja reduzida e também para o surgimento de relatos dos jovens classificados como sentimentos depressivos como: solidão, medo e dificuldade em manter o foco.

No que compete ao tratamento e possíveis intervenções que possam auxiliar no processo de recuperação pós-trauma resultantes da exposição a VPI na infância (Evans et al., 2014) estimou que para um grupo de adultos casados que fazem parte de um banco de dados compostos por 386 casais recém-casados e com homens que relataram níveis mais baixos de violência o apoio emocional e psicológico exercido por um dos cônjuges amenizaria os efeitos dos traumas, mas o mesmo não se aplicaria para os indivíduos do sexo feminino que apresentaram nenhuma resposta positiva dessa intervenção com foco na rede de apoio marital.

4.7. Efeitos da prevalência da VPI e coocorrência

Conforme encontrado no estudo com grupo focal de (Hietamäki; Huttunen; Husso, 2021) os relatos de crianças e adolescentes de 11 a 16 anos indicam uma diferenciação a sensibilidade da violência por gênero, isto é, os filhos do sexo feminino percebiam duas vezes mais o direcionamento de agressão psicológica e física a mãe do que ao pai e testemunharam a mãe enfrentar de uma a três formas de violência com mais precisão do que os meninos. Em uma avaliação secundária de dados de um projeto de intervenção de apoio a mulheres em abrigos foi levantada e confirmada a hipótese de que o contato pós -projeto de intervenção com o parceiro agressor gera problemas de condutas em uma escala de externalização mais evidente em meninas (Jouriles et al., 2018).

Da mesma forma (MA; Grogan-Kaylor; Delva, 2016) afirmam haver diferenças de gênero no comportamento problemático, pois em seus achados as meninas jovens de 14 a 18 anos tendem a apresentar como resposta a experiência de violência familiar e comunitária comportamentos internalizantes de ansiedade excessiva ou medo mais elevados do que os jovens do sexo masculino. Os achados de (Mandal; Hindin, 2013) mostram uma lente de gênero na forma de como presenciar a violência interpaparental na infância pode afetar negativamente o relacionamento de jovens com amigos próximos e verifica-se que 14% das mulheres eram mais propensas a serem em simultâneo, vítima e agressoras de amigos próximos do que se comparado aos homens que eram mais propensos a apenas a perpetuar a violência, mas não a sofrerem.

Ainda, Devries et al. (2017) em sua pesquisa na Uganda com alunos do ensino médio de 11 a 14 anos ressalta que as chances dessas crianças de vivenciarem experiências adversas do tipo física, emocional e sexual devido às circunstâncias de VPI chega a ser até três vezes maiores para ambos os sexos. As crianças do estudo randomizado de (Marshall et al., 2017) também podem sofrer com o efeito transbordamento da violência, isto é, além de padecer com a presença da agressão conjugal na família também podem sofrer com o aumento de agressões dos próprios pais direcionadas a eles principalmente psicológicas em cerca de 83% praticadas pela mãe e 80% pelo pai. (Buffarini et al., 2021) também complementa a partir de seu estudo de coorte com crianças de até 4 anos e especifica que as formas mais comuns de abusos em conjunto com a VPI eram: agressão sexual por um adulto que na maioria das vezes era próximo da criança, abuso emocional, físico e a negligência pelos pais ou cuidadores com uma porcentagem representativa um pouco maior para os meninos de 11,9% do que para meninas de 9,8%.

Em sua discussão Adhia et al. (2019) chama atenção para a transição precoce da infância ou adolescência para a fase adulta devido às experiências adversas perpetuadas e os resultados são piores para o gênero feminino em que os resultados ressaltam que as meninas iniciavam a vida sexual antes dos 18 anos sem nenhuma orientação e assim aumentar os índices de maternidade precoce.

Investigar os feitos a longo prazo na vida dos jovens adultos é uma análise necessária. Conforme encontrado no estudo de coorte de (Mandal; Hindin, 2015) em que observa-se jovens de 21 a 22 anos e como eles reagem às experiências adversas na infância relacionadas a violência materna nas Filipinas. Os resultados encontrados no estudo sugerem que na fase adulta esses indivíduos eram mais inclinados a perpetuar a violência principalmente física na família de origem indicando 28% das mulheres tanto praticarem quanto sofreram com intimidação ou abuso físico por algum parente contra apenas 24% dos homens uma diferença pequena mais significativa.

A perspectiva masculina do endosso para a prática de violência contra a mulher também pode ser um fator de risco e é estudada em Bangladesh por (Islam et al., 2017) onde realiza uma pesquisa com 3.374 homens que estavam em um relacionamento conjugal com uma mulher e constataram que 35,7% dessa amostra normalizam o espancamento de mulheres, pois espelham-se no comportamento hostil paterno presenciado na infância. De modo complementar, outras situações podem ser fatores de risco para a coocorrência da violência pelo parceiro como: violência na comunidade, gravidez na adolescência e a relação crítica da mãe e companheiro seja ele o pai biológico ou não (Buffarini et al., 2021).

Em contrapartida, a maioria dos estudos apresentados até então concentram-se em crianças que ainda estão em situação de violência e seus efeitos a curto e longo prazo, mas os dados a respeito de crianças enlutadas pela violência ainda são pouco escassos. Assim (Alisic et al., 2017) contribuem com dados relevantes a respeito de famílias com casos de feminicídio, isto é, em que mulheres em situação de violência doméstica são vítimas fatais.

Com a discussão proposta pode-se perceber que as expectativas sociais e de gênero afetam os comportamentos e como os processos sociais e as estruturas das correlações dos efeitos da violência diferem entre homens e mulheres podendo ajudar a explicar o impacto diferencial de testemunhar a violência interpaparental por gênero, e assim propor intervenções com respostas a longo prazo mais efetivas para ambos, além de incentivar uma possível forma dos profissionais de saúde a serem atentos no atendimento as vítimas de forma a acolher as necessidades das mães e seus filhos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o fenômeno da violência doméstica contra a mulher como situação adversa na infância e qual a sua relação com os impactos negativos no desenvolvimento infantil. Esta pesquisa emprega o método de revisão de literatura com critérios específicos para o tema as evidências coletadas a respeito de se testemunhar a violência perpetrada pelo parceiro da mãe possa servir como fonte de conhecimento e base para a gestão pública elaborar políticas de estado que beneficiem a tríade mãe, filho e família.

Apesar de as amostras serem bastante diversas, haja visto, que os compilados de artigos foram de países diferentes incluindo os continentes americano, asiático e europeu encontrou-se uma boa taxa de resposta e dados que se complementam ou produzem resultados semelhantes mesmo com uma amostra multicultural.

A partir dos resultados obtidos é possível identificar diversas características do tema seja de forma isolada ou em conjunto, que relacionam a violência contra a mulher e o testemunho dos filhos, abordados com clareza pela literatura e que interferem no processo de formação de uma infância saudável e livre de traumas.

Foi identificado que as consequências mais comuns nas crianças foi falta de segurança emocional, insegurança alimentar com altos índices de desnutrição ou obesidade crescente, interferência na altura e peso proporcional a idade, sono irregular, além da presença de morbidades infantis do trato respiratório e pulmonar, doenças inflamatórias persistentes, altas taxas de cortisol devido ao estresse de lares violentos, baixa frequência escolar e dificuldade em manter o foco, negligência pelos pais ou cuidadores, comportamentos perturbadores de internalização e externalização, tendência delinquentes, maus-tratos infantis, presença de sentimentos depressivos ou angustiantes, inclinação para a passagem precoce da adolescência para a vida adulta, e possibilidade de perpetuar violência na maior idade.

Esta realidade é agravada pela violência interparental, coocorrência e permanência em lares abusivos em simultaneidade com a violência na comunidade, contato direto com o agressor e seu comportamento hostil, grau elevado da violência presenciada, falta de apoio psicológico especializado, falta de estudos e informação a respeito das consequências da violência por gênero, ausência de denúncia e punição além de reabilitação adequada de modo a evitar a perpetração da violência.

Diante disso, as estratégias de enfrentamento da violência contra a mulher como experiências adversas na infância necessitam de empenho e qualificação por parte das autoridades judiciais, profissionais de saúde e formuladores de políticas de combate a VPI e o

feminicídio em relação à proteção orientada na família, mas com focos particulares na saúde mãe e filho com indicadores de resultados e acompanhamento de mulheres e crianças com histórico de violência perpetrada pelo pai. Verifica-se ainda a necessidade de estratégias de aumento de renda e educação para mulheres e crianças vítimas como subsídio a independência e dissociação do parceiro abusador que na maioria dos lares é o provedor. Contudo, para esses problemas sejam mitigados é imprescindível que essas intervenções ocorram logo na fase inicial da vida da criança de 0 a 6 anos.

Em contexto nacional, algo interessante para o Brasil seria incluir nos questionários de censos demográficos como o IBGE assuntos referentes a vitimização da VPI e experiências adversas na infância para poder ter uma base de dados nacional mais ampla e assim propor soluções adequadas à realidade brasileira.

As limitações desta pesquisa dizem respeito a generalização de algumas amostras, pois ainda que haja países pobres ou em desenvolvimento catalogados a maioria dos estudos concentra-se em países desenvolvidos o que pode reduzir a análise de elementos focados na perspectiva nacional. Outro ponto diz respeito a necessidade de estudos que acompanhe a população alvo durante um período maior para verificar a longo prazo o real impacto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEL, K. M. et al. Intelligence in offspring born to women exposed to intimate partner violence: a population-based cohort study. **Wellcome Open Research**, v. 4, 2019.

ACKERSON, L. K.; SUBRAMANIAN, S. V. Domestic Violence and Chronic Malnutrition among Women and Children in India. **American Journal of Epidemiology**, v. 167, n. 10, p. 1188, maio 2008.

ADHIA, A. et al. The Impact of Exposure to Parental Intimate Partner Violence on Adolescent Precocious Transitions to Adulthood. **Journal of adolescence**, v. 77, p. 179, 1 dez. 2019.

ALISIC, E. et al. Children bereaved by fatal intimate partner violence: A population-based study into demographics, family characteristics and homicide exposure. **PLoS ONE**, v. 12, n. 10, 1 out. 2017.

ASSAAD, R.; FRIEDEMANN-SÁNCHEZ, G.; LEVISON, D. Impact of Domestic Violence on Children's Education in Colombia: Methodological Challenges. **Violence against women**, v. 23, n. 12, p. 1484, 1 out. 2017.

BINTABARA, D.; KIBUSI, S. M. Intimate partner violence victimization increases the risk of under-five morbidity: A stratified multilevel analysis of pooled Tanzania Demographic Health Surveys, 2010-2016. **PLoS ONE**, v. 13, n. 8, 1 ago. 2018.

BOYNTON-JARRETT, R. et al. Association Between Maternal Intimate Partner Violence and Incident Obesity in Preschool-Aged Children: Results From the Fragile Families and Child Well-being Study. **Archives of pediatrics & adolescent medicine**, v. 164, n. 6, p. 540, jun. 2010.

BROWN, M. J. et al. Adverse childhood experiences and intimate partner aggression in the US: Sex differences and similarities in psychosocial mediation. **Social science & medicine (1982)**, v. 131, p. 48, 1 abr. 2015.

BUFFARINI, R. et al. Intimate partner violence against women and child maltreatment in a Brazilian birth cohort study: co-occurrence and shared risk factors. **BMJ Global Health**, v. 6, n. 4, 30 abr. 2021.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Prevenção de experiências adversas na infância | Prevenção da violência | Centro de lesões | CDC**. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/violenceprevention/aces/fastfact.html>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

CHANDER, P. et al. Intimate Partner Violence and Child Behavioral Problems in South Africa. **Pediatrics**, v. 139, n. 3, 1 mar. 2017.

COE, J. L.; DAVIES, P. T.; STURGE-APPLE, M. L. The Multivariate Roles of Family Instability and Interparental Conflict in Predicting Children's Representations of Insecurity in the Family System and Early School Adjustment Problems. **Journal of abnormal child psychology**, v. 45,

n. 2, p. 211, 1 fev. 2017.

COLLINGWOOD, S. et al. ADVERSE ADVERSE CHILDHOOD CHILDHOOD EXPERIENCES EXPERIENCES The Little Book of The Little Book of. 2018.

DAVIES, P. T. et al. The Distinctive Sequelae of Children's Coping with Interparental Conflict: Testing the Reformulated Emotional Security Theory. **Developmental psychology**, v. 52, n. 10, p. 1646, 1 out. 2016.

DEVRIES, K. M. et al. Witnessing intimate partner violence and child maltreatment in Ugandan children: a cross-sectional survey. **BMJ Open**, v.7, n. 2, p. 13583, 1 fev. 2017.

EL-SHEIKH, M. et al. Marital Psychological and Physical Aggression and Children's Mental and Physical Health: Direct, Mediated, and Moderated Effects. **Journal of consulting and clinical psychology**, v. 76, n. 1, p. 138, fev. 2008.

EVANS, S. E. et al. Childhood Exposure to Family Violence and Adult Trauma Symptoms: The Importance of Social Support from a Spouse. **Psychological trauma: theory, research, practice and policy**, v. 6, n. 5, p. 527, 2014.

FEBRES, J. et al. THE RELATIONSHIP BETWEEN MALE-PERPETRATED INTERPARENTAL AGGRESSION, PATERNAL CHARACTERISTICS, AND CHILD PSYCHOSOCIAL FUNCTIONING. **Journal of child and family studies**, v. 23, n. 5, p. 907, 2014.

FELITTI, V. J. et al. Relationship of Childhood Abuse and Household Dysfunction to Many of the Leading Causes of Death in Adults The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. **Am J Prev Med**, v. 14, n. 4, 1998.

GALÁNTAI, J.; LIGETI, A. S.; WIRTH, J. Children Exposed to Violence: Child Custody and its Effects on Children in Intimate Partner Violence Related Cases in Hungary. **Journal of Family Violence**, v. 34, n. 5, p. 399, 15 jul. 2019.

GARRIDO, E. F. et al. Psychosocial Consequences of Intimate Partner Violence (IPV) Exposure in Maltreated Adolescents: Assessing More than IPV Occurrence. **Journal of family violence**, v. 26, n. 7, p. 511, out. 2011.

GLASS, N. et al. The relationship between parent mental health and intimate partner violence on adolescent behavior, stigma and school attendance in families in rural Democratic Republic of Congo. **Global Mental Health**, v. 5, p. 1–12, 2018.

HIETAMÄKI, J.; HUTTUNEN, M.; HUSSO, M. Gender Differences in Witnessing and the Prevalence of Intimate Partner Violence from the Perspective of Children in Finland. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 9, 1 maio 2021.

IPEA/FBSP. Anuário Brasileiro de Segurança Pública Sumário. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2021.

ISLAM, M. J. et al. Assessing the link between witnessing inter-parental violence and the perpetration of intimate partner violence in Bangladesh. **BMC Public Health**, v. 17, n. 1, 10 fev. 2017.

JOURILES, E. N. et al. Children Exposed to Intimate Partner Violence: Conduct Problems, Interventions, and Partner Contact with the Child. **Journal of clinical child and adolescent psychology : the official journal for the Society of Clinical Child and Adolescent Psychology, American Psychological Association, Division 53**, v. 47, n. 3, p. 397, 4 maio 2018.

MA, J.; GROGAN-KAYLOR, A.; DELVA, J. Behavior Problems Among Adolescents Exposed to Family and Community Violence in Chile. **Family relations**, v. 65, n. 3, p. 502, 1 jul. 2016.

MANDAL, M.; HINDIN, M. J. From Family to Friends: Does Witnessing Interparental Violence Affect Young Adults' Relationships with Friends? **The Journal of adolescent health : official publication of the Society for Adolescent Medicine**, v. 53, n. 2, p. 187, ago. 2013.

MANDAL, M.; HINDIN, M. J. Keeping it in the family: Intergenerational transmission of violence in Cebu, Philippines. **Maternal and child health journal**, v. 19, n. 3, p. 598, 1 mar. 2015.

MARSHALL, A. D. et al. The Children, Intimate Relationships, and Conflictual Life Events (CIRCLE) Interview for Simultaneous Measurement of Intimate Partner and Parent to Child Aggression. **Psychological assessment**, v. 29, n. 8, p. 978, 1 ago. 2017.

NARAYAN, A. J. et al. The Legacy of Early Childhood Violence Exposure to Adulthood Intimate Partner Violence: Variable- and Person-Oriented Evidence. **Journal of family psychology : JFP : journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)**, v. 31, n. 7, p. 833, 1 out. 2017.

NARAYAN, A. J.; ENGLUND, M. M.; EGELAND, B. Developmental Timing and Continuity of Exposure to Interparental Violence and Externalizing Behavior as Prospective Predictors of Dating Violence. **Development and psychopathology**, v. 25, n. 4 0 1, p. 973, nov. 2013.

NOWAKOWSKI, S. et al. Inadequate Sleep as a Mediating Variable between Exposure to Interparental Violence and Depression Severity in Adolescents. **Journal of child & adolescent trauma**, v. 9, n. 2, p. 109, 1 jun. 2016.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE-OPAS. **Violência contra as mulheres - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ORR, C. et al. Exposure to family and domestic violence is associated with increased childhood hospitalisations. **PLoS ONE**, v. 15, n. 8, 1 ago. 2020.

PERNEBO, K.; ALMQVIST, K. Young Children Exposed to Intimate Partner Violence Describe their Abused Parent: A Qualitative Study. **Journal of Family Violence**, v. 32, n. 2, p. 169, 1

fev. 2017.

PUBLIC HEALTH INSTITUTE, L. J. M. U. **Adverse Childhood Experiences (ACEs)**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/violenceprevention/aces/index.html>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ROBERTS, A. L. et al. Witness of Intimate Partner Violence in Childhood and Perpetration of Intimate Partner Violence in Adulthood. **Epidemiology (Cambridge, Mass.)**, v. 21, n. 6, p. 809, nov. 2010.

ROSSER-LIMIÑANA, A.; SURIÁ-MARTÍNEZ, R.; PÉREZ, M. Á. M. Children Exposed to Intimate Partner Violence: Association Among Battered Mothers' Parenting Competences and Children's Behavior. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 4, 2 fev. 2020.

SAMPAIO, R.; MANCINI, M. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, n. 1, p. 83–89, fev. 2007.

SLOPEN, N. et al. Maternal experiences of intimate partner violence and C-reactive protein levels in young children in Tanzania. **SSM - Population Health**, v. 6, p. 107, 1 dez. 2018.

SOUSA, C. et al. Longitudinal Study on the Effects of Child Abuse and Children's Exposure to Domestic Violence, Parent-Child Attachments, and Antisocial Behavior in Adolescence. **Journal of interpersonal violence**, v. 26, n. 1, p. 111, jan. 2011.

SPILLER, L. C. et al. Physically Abused Women's Experiences of Sexual Victimization and their Children's Disruptive Behavior Problems. **Psychology of violence**, v. 2, n. 4, p. 401, out. 2012.

STURGE-APPLE, M. L. et al. Interparental Violence, Maternal Emotional Unavailability and Children's Cortisol Functioning in Family Contexts. **Developmental Psychology**, v. 48, n. 1, p. 237, jan. 2012.

SUGLIA, S. F. et al. Violence exposure, a chronic psychosocial stressor, and childhood lung function. **Psychosomatic medicine**, v. 70, n. 2, p. 160, fev. 2008.

APÊNDICE A – SUMÁRIOS DOS ESTUDOS COLETADOS PELA REVISÃO INTEGRATIVA

Autores	Objetivo	Metodologia	Público	Local	Tamanho da amostra	Resultados	Conclusões
(BUFFARINI et al., 2021)	Investigar a prevalência de VPI e coocorrência em domicílios na população geral de um ambiente urbano brasileiro.	Estudo de Coorte	mãe-filho com relatos maternos sobre VPI e com crianças com 4 anos de idade.	Brasil	3.500	As análises multivariadas mostraram que a sobreposição de VPI e maus tratos foi fortemente associada à violência na vizinhança, ausência do pai biológico da criança, comportamento antissocial paterno.	Intervenções preventivas integradas são necessárias.
(DEVRIES et al., 2017)	Explorar se as crianças da Uganda que testemunham	Estudo transversal	Alunos do ensino fundamental, com idades entre 11 e 14 anos.	Uganda	3.427	O risco aumentado de violência vinha dos pais e também de outros	Um grande número de crianças também sofre maus-tratos mesmo em lares

	VPI em casa também têm maior probabilidade de sofrer outras formas de maus-tratos e fatores associados ao testemunho da vivência em um ambiente violento.					perpetradores além dos pais. Meninas e meninos que testemunharam e sofreram violência tinham mais chances de relatar problemas de saúde mental, violência física ou sexual.	onde não há violência pelo parceiro, destacando a necessidade de intervenções para prevenir maus-tratos infantis de forma mais ampla.
(FORKE et al., 2019)	Examinar os estado geral de saúde de adultos que testemunharam violência doméstica durante a infância e também de seus filhos.	Estudo transversal	Pais e filhos com idades até 9,5 anos.	Estados Unidos	329	As crianças cujos pais testemunharam violência doméstica tinham saúde inferior em comparação com crianças cujos pais não testemunharam nenhum tipo de violência.	

(HIETAMÄKI; HUTTUNEN; HUSSO, 2021)	Este estudo explorou a frequência de VPI testemunhada por crianças e as variações de gênero em relação às vítimas, perpetradores e testemunhas.	Entrevistas e grupo focal tabulação cruzada e o teste do qui-quadrado	Crianças que compõem o Finnish Child Victim Survey 2013 com idades (11-13 anos) e nove (14-16 anos)	Finlândia	11.364	Os resultados indicam que as crianças testemunharam mais VPI contra a mãe do que contra o pai. As meninas relataram ter testemunhado mais violência contra a mãe (7,0%) e o pai (5,1%) do que os meninos (mães 2,7%, pais 1,8%). Relatos de meninas sobre VPI contra ambos os pais foram duas vezes ou mais comuns do que relatos de meninos.	Os profissionais devem adotar uma abordagem com perspectiva de gênero como uma pré-condição e prática para trabalhar com crianças nos cuidados sociais e de saúde.
(RADA, 2014)	Objetivo de determinar se a	Estudo transversal	Homens e mulheres faixa	Romênia	869	O abuso psicológico de	A implementação de mecanismos de

	prevalência da violência entre pais e dos pais contra os filhos, os tipos de violência praticada pelo parceiro íntimo, a transmissão intergeracional da violência.		etária (18 a 75).			homens contra mulheres foi o tipo de violência mais comum relatado na (45,1%). A violência na infância e na adolescência se correlacionou com a percepção da família de origem como ambiente hostil e da violência contra a mulher como medida corretiva, sendo aceitáveis insultos, xingamentos e humilhações do parceiro.	intervenção para o abuso psicológico é urgentemente necessária, assim como a educação e a intervenção em populações de alto risco.
(ROSSER-LIMIÑANA;	Compreender melhor a	Entrevista e análise descritiva	Crianças de 6 a 17 anos e suas	Espanha	46 crianças	A avaliação mostra que quanto	Crianças expostas à VPI podem

SURIÁ- MARTÍNEZ; PÉREZ, 2020)	associação entre VPI contra mães e a presença de problemas emocionais e comportamentais em seus filhos.		mães em abrigos especializados no atendimento a vítimas de violência de gênero.			melhores forem as competências parentais das mães, menor é a taxa de problemas comportamentais apresentados pelas crianças	apresentar problemas de comportamento mais externalizantes e suas mães podem ter dificuldade em demonstrar comportamentos parentais competentes enquanto vivem em um abrigo.
(SIANKO; HEDGE; MCDONELL, 2019)	Examinar o ajustamento psicológico em uma amostra de adolescentes rurais que foram expostos à violência familiar.	Entrevista e análise descritiva	Adolescentes e seus cuidadores principais.	Estados Unidos	580	Os resultados confirmam a heterogeneidade da adaptação do adolescente após a violência familiar e fornecem percepções sobre os fatores da família e da vizinhança que são responsáveis pela	

						variabilidade nas reações dos adolescentes à violência.	
(MA; GROGAN-KAYLOR; DELVA, 2016)	Examinar a relação da exposição dos jovens à violência familiar e comunitária - uso de castigos corporais pelos pais, violência na comunidade, agressão física do parceiro íntimo	Estudo transversal	adolescentes e suas mães do Santiago Longitudinal Study (SLS)	Chile	593	Os resultados indicaram uma associação positiva entre a exposição dos jovens à violência na família e na comunidade e problemas de comportamento, em particular, agressão. Com evidências crescentes sobre o efeito prejudicial da violência no bem-estar dos jovens.	Os resultados deste estudo apoiam a literatura que identifica a violência como um risco chave para os problemas de comportamento dos jovens. De particular importância é a necessidade de os profissionais atenderem à agressão ao trabalhar com jovens que foram vítimas ou testemunhas de

							violência familiar e comunitária.
(GALÁNTAI; LIGETI; WIRTH, 2019)	Descrever sobre a custódia de crianças na Hungria, particularmente nos casos em que a visita de um pai do sexo masculino é contrária ao bem-estar e à segurança física ou mental da criança.	Entrevista	Indivíduos de com casos problemáticos de custódia.	Hungria	168	Os resultados destacam como os direitos de custódia e visita podem ser usados como uma forma de violência e uma continuação da VPI. Casos problemáticos de custódia e visitação de crianças foram relatados após a separação de um parceiro abusivo devido ao uso de procedimentos legais como arma para manter o poder e o controle sobre o ex-parceiro e a criança.	Este estudo indicou uma correlação entre VPI pré-separação e práticas abusivas pós-separação que afetam crianças, como perseguição de custódia

(ASSAAD; FRIEDEMANN-SÁNCHEZ; LEVISON, 2017)	Explorar os desafios metodológicos de estimar os efeitos da violência praticada pelo parceiro íntimo (VPI) contra a mãe nos resultados educacionais de seus filhos.	Amostra Encuesta Nacional de Demografía y Salud (ENDS). (dados longitudinais)	crianças de 6 a 14 anos vivendo com mães de 15 a 49 anos que responderam ao módulo de violência Doméstica do DHS de 2005 da Colômbia.	Colômbia	23.253	Os resultados sugerem que a exogeneidade da VPI para vários resultados educacionais não pode ser tomada como certa e que métodos apropriados precisam ser usados para estudar seus efeitos causais.	Resultados ressaltam a importância potencial de abordar a endogeneidade em estudos sobre os efeitos da VPI em vários desfechos domiciliares.
(ALISIC et al., 2017)	Nosso objetivo foi identificar todas as crianças enlutadas por homicídio parental por parceiro íntimo na Holanda no período de 2003-	Estatísticas descritivas	Banco de dados – nacionais demográficos	Holanda	256	Os resultados principais foram violência anterior em casa (maus-tratos infantis, negligência ou violência doméstica) e status de testemunha de	Os prestadores de cuidados precisam de capacidade não apenas para ajudar as crianças a lidar com a perda repentina de um dos pais, mas também com histórias não

	2012, descrever sua demografia e circunstâncias familiares e avaliar sua exposição a violência anterior em casa e ao próprio homicídio.					homicídio (variando de estar em um local totalmente diferente a estar presente no local).	abordadas de violência doméstica e exposição a cenas explícitas de homicídio, de uma forma culturalmente sensível.
(SLOPEN et al., 2018)	O objetivo deste estudo é examinar a relação entre experiências maternas de VPI nos últimos 12 meses e inflamação em crianças de 6 meses a 5 anos, usando dados de 2010 TDHS.	estudo transversal observacional)	Crianças(6 meses a 5 anos) que a mãe já havia sido casada e que havia concluído o Módulo de Violência Doméstica	Tanzânia	503	Este estudo identificou uma associação entre a VPI materna nos últimos 12 meses e os níveis de PCR em uma amostra populacional de crianças pequenas na Tanzânia, tanto em crianças saudáveis quanto em crianças com	Embora pesquisas prospectivas sejam necessárias os resultados fornecem suporte para a hipótese de que a inflamação pode funcionar como um caminho biológico ligando VPI materna (ou adversidade infantil de forma mais ampla) aos

						infecção ativa ou recente.	fracos resultados de saúde física e psicológica observados para os filhos de mulheres que são vitimadas e isso pode se estender a crianças muito pequenas e crianças em contextos não ocidentais.
(FONSEKA; MINNIS; GOMEZ, 2015)	Examinamos a associação de ACEs com perpetração de VPI entre homens do Sri Lanka entrevistados para o Estudo Multinacional das Nações Unidas sobre	Entrevistas e modelos de regressão logística multivariada	Homens que compõem o Estudo Multinacional das Nações Unidas sobre Homens e Violência na Ásia e no Pacífico	Sri Lanka	1.252	Analisamos as contribuições de cada categoria ACE e descobrimos que o abuso na infância estava fortemente associado à perpetração de VPI na idade adulta, com o abuso sexual associado ao maior	Nossos resultados revelaram a necessidade de abordar as altas taxas de ACEs entre meninos do Sri Lanka, bem como a associação entre ACEs e perpetração de VPI na idade adulta. Políticas e intervenções

	Homens e Violência na Ásia e no Pacífico. Encontramos associações positivas estatisticamente significativas entre o número de categorias ACE (pontuação ACE) e emocional, financeiro, físico, e perpetração sexual de VPI entre homens do Sri Lanka.					aumento nas chances de perpetração. Testemunhar o abuso da mãe foi associado ao maior aumento nas chances de perpetrar VPI física, enquanto a falta de uma figura parental masculina não foi associada à perpetração física de VPI .	programáticas para prevenir ACEs podem beneficiar as crianças a curto prazo e ter o benefício adicional de diminuir a VPI quando essas crianças crescerem e entrarem em relacionamentos.
(ISLAM et al., 2017)	Examinar a influência do testemunho de	estatísticas descritivas e Entrevistas.	homens já casados com idades entre 18-54	Bangladesh	3374	Quase 60% dos homens relataram comportamento	O estudo indicou que homens que testemunharam

	<p>violência de pai para mãe sobre:</p> <p>1) perpetração de violência por parceiro íntimo (VPI); e 2) endosso de atitudes que justificam o espancamento de mulheres em Bangladesh.</p>		<p>anos que compõem o Pesquisa Demográfica de Saúde de Bangladesh de 2007</p>			<p>violento em relação a uma parceira íntima e 35,7% endossaram atitudes que justificam o abuso conjugal. Homens que testemunharam violência de pai para mãe tiveram maior chance de relatar qualquer VPI física ou sexual. Homens que testemunharam violência de pai para mãe também tiveram mais chances de endossar atitudes que justificam o abuso conjugal.</p>	<p>violência de pai para mãe eram mais propensos a perpetrar VPI, sugerindo uma transmissão intergeracional da violência. Essa transmissão da violência pode operar por meio do aprendizado e modelagem de atitudes favoráveis ao abuso conjugal. Em apoio a isso, testemunhar a violência entre os pais também foi associado ao endosso de atitudes que justificam o abuso conjugal. As descobertas indicam</p>
--	---	--	---	--	--	--	--

							a importância contínua dos esforços para identificar e assistir meninos que testemunharam violência doméstica e sugerem que tais esforços devem ter como objetivo a mudança não apenas de comportamentos, mas também de atitudes que facilitem tal violência.
(FERDOUSY; MATIN, 2015)	Este estudo investiga a associação entre violência por parceiro íntimo (VPI) contra mulheres e seu impacto na morbidade	Modelos de regressão logística com dados transversais	As mulheres selecionadas para o módulo de violência tinham pelo menos um filho menor de 5 anos durante a pesquisa incluindo as	Bangladesh, Índia e Nepal.	58.725	O estudo revelou que filhos de mães sofrendo de violência física, sexual ou ambos tinham maior probabilidade de ter infecção respiratória aguda,	Os resultados destacam que a VPI pode influenciar a morbidade infantil e apoiar a necessidade de abordar a VPI com um foco maior nos programas e políticas atuais de

	infantil na região do sul da Ásia.		crianças com idade inferior a 5 anos.			febre e diarreia.	nutrição e saúde infantil.
(ABEL et al., 2019)	objetivo: 1) avaliar a prevalência e o tempo de VPI relatado em uma grande amostra de base populacional britânica, e 2) examinar as associações com a capacidade cognitiva da prole aos oito anos de idade por tipo (emocional ou físico) e tempo (pré / perinatal ou mais tarde	Estudo de coorte de base populacional	Pares mãe-filho	Reino Unido	3.153	Quase uma em cada cinco mães cerca de 18,6% na população de estudo relatou exposição à violência por um parceiro íntimo desde o início da gravidez até 73 meses após o nascimento da criança em estudo. Em comparação com as mães não expostas, as mães expostas eram mais propensas a ter origens étnicas não	A exposição materna à VPI física está associada com menor QI da prole aos 8 anos de idade. As associações persistiram após o ajuste para possíveis fatores de confusão e foram impulsionadas pela violência ocorrida no período pós-natal.

	pós-natal) de IPV.					brancas ou mestiças, tinham um perfil socioeconômico geral menos favorável, eram mais propensas a fumar ou beber durante a gravidez, tinham maior risco de depressão perinatal e pós-parto e eram mais probabilidade de ter filhos com QI abaixo da média.	
(BINTABARA; KIBUSI, 2018)	Este estudo teve como objetivo determinar o efeito da exposição de mães à vitimização por	Entrevistas e estatística descritiva	Mulheres elegíveis para preencher o questionário das mulheres sobre comportamento de saúde materno-infantil	Tanzânia	23.405	Os resultados indicam a redução significativa dos três principais sintomas de morbidade de menores de cinco	Esta análise revelou que a vitimização da violência praticada pelo parceiro íntimo ainda é um grande problema de saúde pública na Tanzânia,

	violência praticada pelo parceiro íntimo sobre a morbidade específica de menores de cinco anos que poderia levar à mortalidade.					anos, a saber; uma tosse com dificuldade ou respiração, febre e e diarreia. No geral, cerca de 40% das mães relataram vivenciar qualquer forma de vitimização por violência praticada pelo parceiro íntimo.	que ameaça a saúde infantil durante o período pós-neonatal e na infância. É necessário introduzir a triagem para a vitimização da violência praticada pelo parceiro íntimo no atendimento materno-infantil para o monitoramento e prevenção eficazes do problema.
(NARAYAN et al., 2017)	Este estudo examinou os caminhos prospectivos da exposição à violência interparental (EIPV) durante a infância (idades	Estudo longitudinal	Homens que foram um subconjunto do MLSRA seguido desde o nascimento até a idade adulta. A MLSRA começou em 1978 com 267	Estados Unidos	179	Os resultados indicaram que o EIPV na infância / pré-escola, mas não na primeira infância, previu a perpetração e vitimização da VPI aos 23 anos. A	Em conclusão, as abordagens orientadas para a pessoa e as variáveis têm valor para a compreensão dos efeitos do EIPV na primeira infância. Esta

	<p>de 0 a 24 meses) e infância / pré-escola (idades de 25 a 64 meses) à violência por parceiro íntimo (IPV) perpetrado e vitimização na idade adulta (idades de 23, 26, e 32 anos) usando duas abordagens complementares.</p>		<p>mães de baixa renda recrutadas durante a gravidez e seus primeiros filhos.</p>			<p>abordagem orientada para a pessoa revelou que, junto com o estresse da vida e o comportamento de externalização manifestada na EIPV na infância / pré-escola.</p>	<p>evidência prospectiva ilustra que o EIPV na infância / pré-escola pode ativar um caminho desadaptativo em direção ao risco elevado de perpetração e vitimização de VPI na idade adulta, e que o estresse da vida e o comportamento de externalização também podem contribuir para a continuidade e mudança na VPI na idade adulta ao longo do tempo. Este ciclo intergeracional de violência começa com a vitimização</p>
--	---	--	---	--	--	--	--

							materna de VPI durante a infância / pré-escola e se estende até a VPI de participante na idade adulta.
(MANDAL; HINDIN, 2015)	Este estudo examina a relação entre o testemunho de VPI interparental e o uso subsequente e a experiência de jovens adultos com intimidação familiar e abuso físico (FIPA) em Cebu, Filipinas.	Estudo de coorte	1.912 crianças índice (ICs) com idades entre 21-22 anos que foram entrevistadas em 2005.	Filipinas	1.881	Apenas entre mulheres adultas jovens, testemunha VPI recíproca entre os pais previu experimentar FIPA. Testemunhar a perpetração paterna de VPI entre jovens adultos do sexo masculino, perpetração materna entre mulheres adultas jovens e VPI interparental	Os esforços de prevenção da violência devem atingir todos os membros da família por meio de intervenções centradas na família. Os currículos escolares, que enfocam amplamente a violência do parceiro íntimo e de pares, devem reconhecer o uso e a experiência de violência por parte

						recíproca entre todos os adultos jovens previu jovens adultos tanto praticando quanto experimentando	dos adolescentes com membros da família e elaborar módulos de acordo. Mais pesquisas sobre as diferenças de gênero na violência familiar são recomendadas.
(JOURILES et al., 2018)	a presente pesquisa avalia associações entre o contato da criança com o parceiro violento da mãe após a saída de um abrigo para violência doméstica e seus problemas de conduta.	Análise secundária de dados de um ensaio clínico randomizado	mulheres com um filho	Estados Unidos	98	O Apoio ao Projeto reduziu a extensão do contato entre parceiro e filho. Além disso, as mudanças dentro do assunto no contato ao longo do tempo foram associadas a problemas de conduta de meninas, mas não de meninos, e mediou	O contato pós-abrigo das crianças com o parceiro violento da mãe relaciona-se positivamente a vários resultados familiares negativos.

						<p>parcialmente os efeitos do apoio ao Projeto sobre os problemas de conduta de meninas. Níveis médios mais elevados de contato ao longo do tempo também foram positivamente associados a novos incidentes de VPI e agressão parceiro-filho, e a agressão parceiro-filho ajudou a explicar os efeitos do contato nos problemas de conduta das crianças.</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

(NARAYAN; ENGLUND; EGELAND, 2013)	Investigar os exposição de crianças à violência interparental na primeira infância e o comportamento de externalização na meia infância e adolescência como preditores de desenvolvimento de perpetração de violência no namoro e vitimização nas idades de 23 e 26 anos.	Estudo longitudinal	Homens e mulheres retirados do Estudo Longitudinal de Risco e Adaptação de Minnesota.	Estados Unidos	168	Os resultados indicaram que o VPI na primeira infância previu diretamente perpetração e vitimização aos 23 anos. Houve efeitos indiretos significativos da VPI à violência no namoro por meio de comportamento de externalização na adolescência e estresse de vida aos 23 anos. Violência por meio de comportamentos externalizantes na adolescência e estresse da vida aos 23 anos, mas essa	As descobertas apoiam uma perspectiva de desenvolvimento de que as experiências negativas na infância e o comportamento de externalização das crianças são influências poderosas para a violência no namoro no início da idade adulta.
-----------------------------------	---	---------------------	---	----------------	-----	--	--

						<p>via se originou de maus-tratos. Esses resultados destacam que o momento da e tanto o momento quanto a continuidade do comportamento de externalização são riscos críticos para a transmissão intergeracional da violência no namoro.</p>	
(CHAN et al., 2019)	O objetivo deste estudo foi examinar a associação entre VPI contra mulheres antes do parto e LT do sangue do	Ensaio clinico Estatísticas descritivas	mulheres grávidas entre 20 e 24 semanas de gestação que foram recrutadas em um hospital público em Hong Kong	China	774	Especificamente o abuso psicológico e sexual contra mulheres antes do parto foram significativamente associados com redução da LT do	Este estudo demonstra uma associação entre VPI contra mulheres por seus atuais parceiros antes do parto e a biologia de seus recém-nascidos, na

	cordão umbilical em seus recém-nascidos.					recém-nascido.	forma de encurtamento do LT, mesmo após o controle de uma série de fatores de confusão. Este achado estende o conceito de incorporação biológica, mostrando que a exposição da mãe à violência é um preditor relevante da biologia do telômero do recém-nascido.
(CHANDER et al., 2017)	Esta análise de dados explora a associação da VPI do cuidador com os resultados do comportamento infantil em	Estudo Asenze e de coorte de base populacional	Crianças e seus cuidadores	África do Sul	980	A experiência de violência do parceiro física ou sexual permaneceu fortemente associada a problemas gerais de comportamento	As dificuldades comportamentais na infância estão associadas à experiência de VPI do cuidador.É necessário investigar o impacto de longo

	crianças menores de 12 anos.					infantil, condição de HIV, coabitação com o parceiro, uso de álcool e transtorno de estresse pós-traumático foram contabilizados.	prazo da violência do parceiro cuidador, particularmente a VPI sexual, sobre a saúde e o bem-estar de crianças vulneráveis em países de renda média e baixa. Os estudos também devem investigar se a prevenção da VPI reduz a ocorrência de dificuldades de comportamento na infância
(SUGLI A et al., 2008)	Examinar a associação entre a exposição à violência, conceituada como um estressor	Estudo de coorte	crianças de 6 e 7 anos de idade	Estados Unidos	313	Em análises de regressão linear, ajustando para educação materna, idade da criança, raça, peso ao nascer, exposição à	O conflito interparental, especificamente a agressão verbal e a exposição à violência comunitária foram associadas à

	psicológico crônico, e a função pulmonar entre crianças urbanas ajustadas para SES, exposição in utero e à fumaça de tabaco (SHS), peso ao nascer e histórico de doenças respiratórias, incluindo asma, alergias e menor infecções do trato respiratório que podem mediar essa relação.					fumaça do tabaco e histórico médico, as meninas no tercil de agressão verbal mais elevados tiveram uma redução da função pulmonar em comparação com as meninas no tercil inferior.	diminuição da função pulmonar na infância, independentemente do status socioeconômico, exposição à fumaça do tabaco, peso ao nascer e histórico de doenças respiratórias. As diferenças de gênero foram observadas com base no tipo de exposição à violência, o que pode justificar uma exploração mais aprofundada.
(EL-SHEIKH et al., 2008)	Examinar a agressão física e	Entrevistas e estatística	Famílias com crianças	Estados Unidos	251	A agressão contra qualquer um dos	Pesquisas futuras devem estender esses

	psicológica contra a mãe e o pai para delinear melhor os efeitos sobre as crianças	descritiva	participantes que estavam na segunda ou terceira série e tinham uma idade média de 8,23 anos			pais produziu efeitos semelhantes para os filhos. A insegurança emocional das crianças mediou a relação entre a agressão conjugal e os sintomas de transtorno de estresse pós-traumático internalizantes, externalizantes e pós-traumático dos filhos.	resultados com dados longitudinais para estabelecer ainda mais a agressão conjugal e a insegurança emocional como fatores de risco para uma ampla gama de problemas de saúde física e mental em crianças.
(ACKERSON; SUBRAMANIA N, 2008)	Investigar até que ponto a violência doméstica prevê a probabilidade de desnutrição entre mulheres e	Estudo transversal	Mulheres e crianças que compõem Pesquisa Nacional de Saúde da Família indiana de 1998-1999	Índia	83.624	Os resultados indicam associações de múltiplos incidentes de violência doméstica no ano	Essas descobertas indicam que a redução da violência doméstica é importante não apenas de uma perspectiva moral e

	crianças na Índia.					anterior como anemia e baixo peso em mulheres e uma relação sugerida entre crianças. Os possíveis mecanismos para essa relação incluem a retenção de alimentos como forma de abuso e as influências mediadas pelo estresse da violência doméstica sobre os resultados nutricionais.	intrínseca, mas também por causa dos benefícios instrumentais para a saúde que provavelmente resultarão.
(GLASS et al., 2018)	Examinar a relação entre a saúde mental dos pais e a	Análise secundária de dados de um ensaio de	Adolescentes e díades de pais	República Democrática do Congo (RDC).	388	A análise demonstrou que a saúde mental dos pais e a VPI podem	Os resultados reforçam a importância crítica das intervenções que

	<p>experiência / perpetração de violência praticada pelo parceiro íntimo (VPI) e os comportamentos, estigma e frequência escolar dos adolescentes. A relação é examinada posteriormente quanto a diferenças por gênero.</p>	<p>eficácia</p>				<p>ter um impacto negativo no bem- estar de seus filhos e o impacto é diferente para meninos e meninas, provavelmente vinculado a papéis e responsabilidades de gênero em casa e na comunidade. As relações sociais dos adolescentes, conforme relatado por meio de estigma experiente, foram impactadas negativamente para meninos e meninas.</p>	<p>envolvem os pais e seus filhos em atividades que promovam a saúde e melhorem os relacionamentos dentro da família.</p>
(ORR et al.,	Examinar a	Estudo de coorte	Crianças	Austrália	250	Crianças expostas	Crianças expostas

2020)	exposição a FDV entre o período pré-natal (12 meses antes do nascimento) e cinco anos de idade estará associada a um aumento na hospitalização infantil, em comparação com crianças não expostas		aborígenes			a VPI têm maior probabilidade de serem hospitalizadas. Crianças expostas no período pré-natal e na primeira infância tiveram uma chance três vezes maior de hospitalização por saúde mental um Quando estratificados pelo status aborígene, as crianças aborígenes tiveram uma proporção maior de hospitalizações do que as crianças não aborígenes.	têm maior probabilidade de hospitalização do que crianças não expostas. Dentro da coorte exposta, as diferenças eram aparentes entre as crianças aborígenes e não aborígenes. As crianças aborígenes tiveram maiores chances de hospitalização na maioria dos grupos de diagnóstico em comparação com suas contrapartes não aborígenes.
(STURGE-APPLE et al.,	O objetivo do presente estudo	Entrevistas e estatística	Crianças e suas mães	Estados Unidos	201	Os resultados indicaram que a	Os resultados são interpretados no

2012)	foi examinar a especificidade das vias entre a violência interparental, a indisponibilidade emocional materna e a reatividade do cortisol das crianças a estressores emocionais nas relações interparentais e pais-filhos.	descritiva				violência interparental e a indisponibilidade emocional da mãe foram diferencialmente associadas à reatividade ao estresse do adrenocorticol das crianças. Além disso, esses contextos de risco familiar previram mudanças no cortisol mais baixo em resposta ao sofrimento.	contexto das conceituações da teoria da família de risco e da segurança emocional que destacam como os contextos familiares impactam diferentemente nas capacidades regulatórias fisiológicas das crianças.
(BOYNTON-JARRETT et al., 2010)	Examinar o impacto da cronicidade da violência materna por	Estudo de coorte prospectivo.	Estudo de Famílias Frágeis e Bem-estar Infantil que eram crianças nascidas entre	Estados Unidos	1595	Entre as 1595 crianças, 16,5% eram obesas aos 5 anos e 49,4% das mães relataram	A VPI materna crônica está associada ao aumento do risco de obesidade em

	parceiro íntimo (VPI) no risco de obesidade em crianças em idade pré-escolar.		1998 e 2000 e seus pais			alguma forma de VPI. Em comparação com aquelas que não tiveram exposição à VPI, as crianças cujas mães relataram VPI crônica tiveram um risco elevado de obesidade aos 5 anos. Análises estratificadas indicaram risco aumentado de obesidade entre meninas com história materna de VPI crônica em comparação com meninos (e um efeito maior de qualquer VPI	crianças em idade pré-escolar. Prevenir a violência familiar e melhorar a segurança da comunidade pode ajudar a reduzir a obesidade infantil.
--	---	--	-------------------------	--	--	--	---

						materna sobre a obesidade entre crianças que vivem em bairros menos seguros	
(MANDAL; HINDIN, 2013)	Este estudo investiga os efeitos de testemunhar a violência interparental entre jovens adultos filipinos em seu uso e experiência de agressão psicológica com amigos.	Entrevistas e regressão logística multinomial	crianças nascidas da coorte de mulheres grávidas em 1983-84) com idades entre 21-22 entrevistadas em 2005 e 2002.	Filipinas	1.881.	Cerca de 13% das mulheres e 4% dos homens perpetraram agressão psicológica contra amigos próximos, e cerca de 4% das mulheres e homens foram as vítimas. 14% das mulheres e 3% dos homens sofreram agressão psicológica bidirecional. Cerca de 44% das mulheres e 47%	Os programas de prevenção da violência devem considerar o uso de intervenções centradas na família e aplicar uma lente de gênero em sua aplicação. Recomendam-se mais pesquisas sobre as diferenças de gênero na agressão de amigos.

						<p>dos homens, durante a infância, testemunharam seus pais se machucarem fisicamente. Testemunhar a violência materna e recíproca entre os pais durante a infância predisse significativamente a agressão psicológica bidirecional por amigos entre os homens. Entre as mulheres, testemunhar a violência interparental não prediz significativamente</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						o envolvimento com a agressão psicológica de um amigo.	
(NOWAKOWSKI et al., 2016)	Este estudo buscou determinar se a curta duração do sono medeia a relação entre a exposição à violência (violência entre pais e pares) e os sintomas depressivos.	Estudo de coorte e entrevistas	Alunos do ensino médio	Estados Unidos	1.042	Os resultados demonstraram que a violência interparental foi negativamente relacionada à duração do sono e a duração do sono negativamente associada aos sintomas depressivos. Adolescentes expostos à violência entre os pais dormiam menos nas noites de escola. Por sua vez, eles relataram mais sintomas	A curta duração do sono medeia a relação entre a exposição à violência interparental e a gravidade da depressão.

						depressivos. A curta duração do sono mediou a relação entre a exposição à violência interparental e a gravidade da depressão.	
(ADHIA et al., 2019)	O presente estudo avaliou se a exposição à violência parental contra parceiro íntimo (VPI) está associada a transições precoces de adolescentes para a vida adulta.	Estudo de coorte	Indivíduos com 18 anos ou mais nos Estados Unidos que participaram das Pesquisas Epidemiológicas Nacionais de Álcool e Condições Relacionadas	Estados Unidos	33.360	Os participantes expostos à VPI na infância corriam maior risco de ter relações sexuais precoces; abandono do ensino médio; entrar no emprego de tempo integral precoce; entrar em casamento precoce; e início da paternidade	Indivíduos expostos à VPI na infância têm maior probabilidade de passar por transições precoces para a vida adulta. Os resultados destacam a necessidade de intervenções para mitigar resultados adversos na adolescência para crianças expostas à

						<p>precoce em relação aos participantes não expostos à VPI. Interações significativas entre gênero e exposição à VPI foram detectadas para sexo precoce e resultados iniciais de trabalho em tempo integral, de modo que as associações foram mais fortes para mulheres do que para homens. Os participantes expostos a VPI mais frequente ou mais grave na infância correram um risco ainda</p>	VPI.
--	--	--	--	--	--	--	------

						maior de experimentar transições precoces.	
(SOUSA et al., 2011)	Examinar os efeitos únicos e combinados do abuso infantil e da exposição das crianças à violência doméstica no apego posterior aos pais e no comportamento anti-social durante a adolescência.	Estudo Longitudinal de Lehigh	Crianças e seus pais que foram recrutados em programas de bem-estar infantil, centros Head Start e programas de creche	Pensilvânia	457	Os resultados sugerem que, embora os jovens duplamente expostos a abuso e violência doméstica tenham menos apego aos pais na adolescência do que aqueles que não foram expostos, aqueles que sofreram apenas abusos e aqueles que foram expostos apenas à violência doméstica, a	Prevenir o abuso infantil e a exposição das crianças à violência doméstica pode diminuir o risco de comportamento anti-social durante a adolescência, assim como fortalecer o apego entre pais e filhos na adolescência. No entanto, fortalecer os vínculos entre pais e filhos após a exposição pode não ser suficiente para conter o impacto negativo do trauma

						relação entre os tipos de exposição e os jovens os resultados não diferiram por nível de apego ao pai.	de violência anterior em crianças.
(PERNEBO; ALMQVIST, 2017)	O objetivo deste estudo foi coletar e interpretar relatos de crianças sobre seus pais abusados.	Entrevistas	Crianças de 4 a 12 anos que haviam testemunhado VPI.	Suécia	17	A análise temática identificou três temas principais e sete subtemas: —Relatos coerentes dos pais (subtemas de —benevolência geral, —provisão de apoio, proteção e nutrição e —sofrimento dos pais); —Relatos deficientes do pai (—relatos vagos e —narrações desorganizadas); e	Crianças na primeira infância que testemunharam VPI são capazes de refletir e falar sobre seu pai abusado e seu relacionamento com ele. As crianças mostraram ter capacidades e dificuldades para refletir sobre o pai abusado, indicando que as crianças podem ter integrado e deficiente ou bloqueado

						—O pai como um gatilho de trauma (—evasão e —descoberta de memórias e pensamentos intrusivos).	representações internas do pai após a VPI. A consciência dessa variedade e a possibilidade de que os pais possam servir como desencadeadores de trauma afetarão a teoria sobre as consequências da VPI e a prática clínica no planejamento e execução de intervenções para crianças expostas à VPI.
(BROWN et al., 2015)	Objetivo deste estudo foi avaliar as diferenças sexuais no papel do transtorno de	Entrevistas Modelagem de equações estruturais	Adultos com 18 anos	Estados Unidos	25.654	Entre os homens, 63,8% relataram pelo menos uma ECA, 3,8% tiveram	Os programas de VPI voltados para os agressores devem abordar o abuso (sexual, físico e

	<p>estresse pós-traumático (TEPT), abuso de substâncias e depressão como mediadores na associação entre ACEs e agressão ao parceiro íntimo</p>					<p>diagnóstico de TEPT, 19,6% tiveram transtorno por uso de substâncias e 4,1% tiveram episódio depressivo maior. Aproximadamente 4,2% relataram ter sido agressores da VPI no último ano. Entre as mulheres, 61,1% relataram pelo menos uma ECA, 8,8% tiveram diagnóstico de TEPT, 11,7% tiveram transtorno por uso de substâncias e 9,2% tiveram episódio</p>	<p>psicológico), que ocorreu durante a infância e o abuso recente de substâncias e TEPT. Esses programas devem ser implementados para homens e mulheres. Os programas que visam prevenir o abuso de crianças podem ajudar a reduzir as taxas de depressão e na idade adulta e subsequente agressão ao parceiro íntimo.</p>
--	--	--	--	--	--	---	--

						depressivo maior. Sete por cento relataram ter sido agressores da IPV no ano passado.	
(FEBRES et al., 2014)	Assim, o presente estudo examinou simultaneamente a associação entre agressão interparental perpetrada pelo pai, características do pai e funcionamento psicossocial da criança .	Entrevistas e estatística descritiva	A amostra consistiu em homens que foram presos por um crime de violência doméstica e seus filhos de 4 a 17 anos.	Estados Unidos	290	Os resultados mostraram que, de todas as variáveis examinadas, os traços de personalidade antissocial paternos e a hostilidade foram associados de forma única com comprometimento psicossocial geral da criança, problemas de externalização e problemas de atenção.	Implicações para programas de intervenção são discutidas.
(GARRIDO et	O presente	Entrevistas e	Adolescentes e	Estados	140	Depois de controlar	o presente estudo

al., 2011)	estudo estendeu esta pesquisa examinando três dimensões da exposição à VPI: frequência, proximidade e gravidade, e testou se essas dimensões previam variação nos problemas psicossociais dos adolescentes além do que explicava a ocorrência de VPI.	estatística descritiva	seus cuidadores	Unidos	a ocorrência de VPI, a exposição à violência na comunidade e a gravidade dos maus-tratos, os resultados indicaram uma associação positiva entre o índice multidimensional de VPI e o relato de jovens com problemas psicossociais. Também houve tendência de associação positiva entre o índice de VPI e o relato do cuidador de problemas psicossociais para meninos	adiciona à literatura de pesquisa existente, destacando a importância de considerar múltiplas dimensões ao investigar o impacto da VPI no funcionamento psicossocial das crianças.
------------	---	------------------------	-----------------	--------	---	--

(EVANS et al., 2014)	Este estudo examina os papéis do apoio social positivo e negativo de um cônjuge como moderadores potenciais de associações entre experiências de abuso físico e exposição à violência por parceiro íntimo (VPI) na infância e sintomas de trauma adulto.	Entrevistas e estatísticas descritivas	Casais recém-casados recrutados aleatoriamente de um banco de dados de licença de casamento disponível ao público	Estados Unidos	386	Apoio emocional e psicológico exercido por um dos cônjuges amenizaria os efeitos dos traumas, mas o mesmo não se aplicaria para os indivíduos do sexo feminino que apresentaram nenhuma resposta positiva dessa intervenção com foco na rede de apoio marital.	Os sintomas de trauma das mulheres não estavam relacionados com o apoio positivo ou negativo de um cônjuge. Essas descobertas ampliam as pesquisas anteriores, sugerindo que, para os homens, as provisões diárias de apoio de um cônjuge podem desempenhar um papel fundamental na recuperação pós-traumática.
(SPILLER et al., 2012)	Examinar se a vitimização sexual vivenciada por mulheres	Entrevista e estatística descritiva	Mães e seus filhos de 4 a 8 anos de idade.	Estados Unidos	449	Aproximadamente 75% das mulheres relataram experiências de vitimização	Esta pesquisa sugere que as experiências de vitimização sexual de mulheres abusadas fisicamente

	<p>abusadas fisicamente está associada aos problemas de comportamento perturbador de seus filhos, após controlar a vitimização física das mães e a agressão dos pais para com os filhos.</p>				<p>sexual. As experiências de vitimização sexual das mulheres abusadas fisicamente correlacionaram-se positivamente com os problemas de comportamento perturbador de seus filhos e seu próprio sofrimento psicológico. Os resultados das análises de percurso indicaram que o sofrimento psicológico materno medeia a relação entre as experiências de vitimização sexual</p>	<p>são importantes para compreender os problemas de comportamento perturbador de seus filhos. Além disso, esta pesquisa fornece mais evidências de que o sofrimento psicológico materno é importante para compreender como a violência praticada pelo parceiro íntimo pode influenciar as crianças.</p>
--	--	--	--	--	---	---

						das mulheres e os problemas de comportamento destrutivo de seus filhos.	
(MARSHALL et al., 2017)	Entrevistar Crianças em Eventos Conflitantes da Vida (CIRCLE) para medir simultaneamente incidentes de PCA e IPA psicológicos e físicos.	Metodologia do calendário do histórico de eventos e estatística descritiva	Mulheres e homens com um filho primogênito de aproximadamente 32 meses de idade no início do estudo.	Estados Unidos	203	Os escores de agressão derivados da entrevista CIRCLE exibiram um grau relativamente alto de concordância de relatos entre parceiros, bem como validade estrutural e validade convergente com medidas de agressão comuns.	Achados iniciais indicam que a medição da coocorrência intra-incidente de PCA e IPA pode ser importante para melhor compreender o impacto da exposição à agressão nas crianças.
(DAVIES et al., 2016)	Testar as hipóteses sobre as consequências	Entrevistas e estatísticas descritivas	Mães e filhos.	Estados Unidos	174	Os resultados incluem níveis mais baixos de	

	psicológicas distintas dos padrões de resposta das crianças ao conflito interparental					sintomas de internalização e externalização e maior competência social, enquanto a maior dominância foi associada a problemas de externalização e extroversão. Em contraste, os padrões de reatividade de mobilização previam mais problemas com autorregulação, sintomas de internalização, dificuldades de externalização, mas também maior extroversão	
--	---	--	--	--	--	---	--

						desmobilizante foram associados a maiores problemas com extroversão	
(TOWE-GOODMAN et al., 2012)	O presente estudo examinou associações entre agressão interparental e padrões de resposta ao estresse na infância.	Entrevistas e estatísticas descritivas	Bebês que residem em comunidades predominantemente de baixa renda e região não metropolitana atendidas entre 5 e 9 meses.	Estados Unidos	735	Nossos resultados fornecem evidências descritivas das ligações entre a agressão e os padrões de funcionamento comportamental adrenocortical.	Compreender os caminhos através dos quais os padrões de resposta ao estresse adaptativo ou não adaptativo se desenvolvem pode fornecer informações sobre como melhor direcionar as intervenções para atender às necessidades específicas das crianças expostas à violência, tornando esta uma área importante para pesquisas futuras.

(COE; DAVIES; STURGE-APPLE, 2017)	Este estudo examinou o papel moderador da instabilidade familiar nas relações que envolvem conflito interparental destrutivo, as representações internas das crianças sobre a insegurança no sistema familiar e seu desajuste escolar precoce.	Estudo longitudinal	famílias com filhos de idade pré-escolar	Estados Unidos	243	Os resultados indicaram que o papel mediador das representações familiares inseguras das crianças no caminho entre o conflito interparental destrutivo e os problemas de ajustamento das crianças variava significativamente, dependendo do nível de instabilidade familiar.	O conflito interparental foi especificamente associado a representações familiares inseguras apenas em condições de baixa instabilidade familiar.
(ZIAEI; NAVED; EKSTRÖM, 2014)	O objetivo do presente estudo foi investigar a associação entre	Estudo transversal	Mulheres e seus filhos menores de 5 anos	Bangladesh	10.400	De 2.042 mulheres na pesquisa BDHS com pelo menos um filho com	Os presentes descobertos contribuem para o crescente corpo de

	<p>a exposição de mulheres à VPI e o estado nutricional de seus filhos, usando dados da Pesquisa Demográfica e de Saúde de Bangladesh de 2007 (BDHS).</p>				<p>menos de 5 anos de idade, 49,4% relataram experiência ao longo da vida de violência por parceiro físico, enquanto 18,4% relataram experiência de violência por parceiro sexual. A prevalência de déficit de altura, emagrecimento e baixo peso em seus filhos menores de 5 anos foi de 44,3%, 18,4% e 42,0%, respectivamente. As mulheres eram mais propensas a ter um filho</p>	<p>evidências que mostram que a VPI também pode comprometer o crescimento das crianças, apoiando a necessidade de incorporar esforços para abordar a VPI em programas e políticas de saúde e nutrição infantil.</p>
--	---	--	--	--	---	---

						atrofiado se tivessem experiência ao longo da vida de VPI física ou sexual	
(ROBERTS et al., 2010)	Investigar a violência por parceiro íntimo para determinar se o testemunho na infância está associado à perpetração na idade adulta	Uma análise de escore de propensão	Homens americanos com 20 anos ou mais da onda de 2004-2005 da Pesquisa Epidemiológica Nacional sobre Álcool e Condições Relacionadas.	Estados Unidos	14.564	Quase 4% dos homens relataram comportamento violento em relação a uma parceira íntima no ano passado.	Homens que testemunham violência por parceiro íntimo na infância têm maior probabilidade de cometer tais atos na vida adulta

APÊNDICE B-RESUMO DOS ESTUDOS

BUFFARINI, R. et al. Intimate partner violence against women and child maltreatment in a Brazilian birth cohort study: co-occurrence and shared risk factors. **BMJ Global Health**, v. 6, n. 4, 30 abr. 2021

Resumo: A violência do parceiro íntimo (VPI) contra a mulher e os maus-tratos à criança (MC) são importantes problemas de saúde pública e de direitos humanos e podem ter causas comuns. No entanto, sua sobreposição é pouco estudada. Investigamos a prevalência de VPI e MC, sua coocorrência em domicílios e possíveis fatores de risco compartilhados, na população geral de um ambiente urbano brasileiro.

Palavras –Chaves: saúde infantil, epidemiologia, saúde pública, estudo de coorte.

HIETAMÄKI, J.; HUTTUNEN, M.; HUSSO, M. Gender Differences in Witnessing and the Prevalence of Intimate Partner Violence from the Perspective of Children in Finland. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 9, 1 maio 2021.

Resumo: Antecedentes - A violência praticada pelo parceiro íntimo (VPI) tem efeitos diretos e de longo prazo no bem-estar das crianças. Muito da pesquisa até agora tem se baseado em relatórios de cuidadores de VPI e amostras clínicas de crianças. Em contraste, pesquisas mínimas examinaram a violência entre pais da perspectiva dos filhos, usando amostras de todo o país. Objetivo — Este estudo explorou a frequência de VPI testemunhada por crianças e as variações de gênero em relação às vítimas, perpetradores e testemunhas. Métodos — Os dados foram derivados de uma amostra de 11.364 crianças do Finnish Child Victim Survey 2013. As crianças tinham entre 11 e 17 anos e estavam matriculadas no sistema escolar finlandês. Os principais métodos de análise incluíram a tabulação cruzada e o teste do qui-quadrado. Resultados — Os resultados indicam que as crianças testemunharam mais VPI contra sua mãe (4,9%) do que o pai (3,5%). As meninas relataram ter testemunhado mais violência contra a mãe (7,0%) e o pai (5,1%) do que os meninos (mães 2,7%, pais 1,8%). Os relatos de meninas sobre VPI contra ambos os pais foram duas ou mais de duas vezes mais comuns do que os relatos de meninos. Conclusões — As diferenças acima podem resultar de expectativas de gênero e diferentes relacionamentos de meninos e meninas com a violência, bem como diferenças no reconhecimento e interpretação de incidentes violentos. Portanto, os profissionais devem adotar uma abordagem com perspectiva de gênero como uma pré-

condição e prática para trabalhar com crianças nos cuidados sociais e de saúde. Os relatos das meninas de VPI contra ambos os pais foram duas ou mais do que o dobro dos relatos dos meninos. Conclusões — As diferenças acima podem resultar de expectativas de gênero e diferentes relacionamentos de meninos e meninas com a violência, bem como diferenças no reconhecimento e interpretação de incidentes violentos. Portanto, os profissionais devem adotar uma abordagem com perspectiva de gênero como uma pré-condição e prática para trabalhar com crianças nos cuidados sociais e de saúde. Os relatos de meninas sobre VPI contra ambos os pais foram duas ou mais de duas vezes mais comuns do que os relatos de meninos. Conclusões — As diferenças acima podem resultar de expectativas de gênero e diferentes relações de meninos e meninas com a violência, bem como diferenças no reconhecimento e interpretação de incidentes violentos. Portanto, os profissionais devem adotar uma abordagem com perspectiva de gênero como uma pré-condição e prática para trabalhar com crianças nos cuidados sociais e de saúde.

Palavras –Chaves: violência por parceiro íntimo, crianças testemunhando violência, violência contra os pais, exposição à violência, inquérito às crianças vítimas

RADA, C. Violence against women by male partners and against children within the family: prevalence, associated factors, and intergenerational transmission in Romania, a cross-sectional study. **BMC Public Health**, v. 14, n. 1, p. 129, 7 fev. 2014.

Resumo: A violência doméstica é um problema de saúde pública com consequências negativas. Objetivamos determinar a prevalência da violência entre pais e dos pais contra os filhos, os tipos de violência praticada pelo parceiro íntimo contra a mulher, a transmissão intergeracional da violência e identificar um perfil de crenças e julgamentos sobre o comportamento violento.

Palavras –Chaves: Violência doméstica, Violência por parceiro íntimo, Violência contra a mulher, Violência parental testemunhada, Abuso infantil, Violência psicológica, Violência física, Fatores de risco, Família

DEVRIES, K. M. et al. Witnessing intimate partner violence and child maltreatment in Ugandan children: a cross-sectional survey. **BMJ Open**, v. 7, n. 2, p. 13583, 1 fev. 2017.

Resumo: As evidências existentes, principalmente em países de alta renda, mostram que as crianças que testemunham violência por parceiro íntimo (VPI) em casa têm maior

probabilidade de sofrer outras formas de violência, mas muito pouca evidência está disponível em países de baixa renda. Neste artigo, pretendemos explorar se as crianças de Uganda que testemunham VPI em casa também têm maior probabilidade de sofrer outras formas de maus-tratos, fatores associados ao testemunho e vivência de violência e se qualquer risco aumentado vem dos pais ou de outras pessoas fora de casa.

Palavras –Chaves: testemunhando violência contra parceiro íntimo, Uganda, violência contra crianças, adolescente, violência física, violência sexual

FORKE, C. M. et al. Intergenerational effects of witnessing domestic violence: Health of the witnesses and their children. **Preventive Medicine Reports**, v. 15, 1 set. 2019.

Resumo: Faltam estudos que explorem os efeitos intergeracionais do testemunho de violência doméstica durante a infância (–testemunho). Examinamos os efeitos do testemunho sobre o estado geral de saúde de adultos que testemunharam violência doméstica durante a infância e seus filhos. Dados transversais de entrevistas por telefone com base na população conduzidas na Filadélfia durante 2012–2013 forneceram informações de saúde para 329 pais e filhos, e a exposição dos pais como testemunhas. Usamos escores de propensão para prever o estado de testemunho dos pais usando fatores de confusão na infância; os modelos de resposta incluíram probabilidade inversa de ponderação de tratamento e ponderação de população para padronização. Modelos separados de regressão logística multivariada padronizada forneceram efeitos médios de tratamento e ICs de 95% para associações entre testemunho na infância e saúde abaixo da média para: 1) adultos que testemunharam e 2) seus filhos. A sensibilidade analisa a interpretação guiada. Os modelos padronizados não mostraram diferenças nos efeitos médios do tratamento para a saúde adulta abaixo da média para testemunhas vs. não testemunhas [0,04 (-0,12, 0,19)]. Por outro lado, as crianças cujos pais testemunharam tiveram uma probabilidade consideravelmente maior de ter saúde abaixo da média do que as crianças cujos pais não testemunharam [0,15 (0,02, 0,28)]. Um fator de confusão não medido precisaria de associações de 3,0 vezes com a exposição e o resultado para remover completamente os efeitos observados, indicando uma relação moderada. No entanto, o limite de confiança inferior pode cruzar 1,0 na presença de um fator de confusão não medido mais

fraco com associações de 1,2 vezes com a exposição e o resultado, enquanto controla nossos mesmos fatores de confusão medidos.

Palavras –Chaves: Exposição à violência, Violência doméstica, Relações intergeracionais, Experiências adversas na infância, Saúde da família, Determinantes sociais da saúde, Violência familiar, Violência por parceiro íntimo, Saúde infantil, Estado de saúde

ROSSER-LIMIÑANA, A.; SURIÁ-MARTÍNEZ, R.; PÉREZ, M. Á. M. Children Exposed to Intimate Partner Violence: Association Among Battered Mothers' Parenting Competences and Children's Behavior. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 4, 2 fev. 2020.

Resumo: A exposição à violência perpetrada contra a mãe pelo parceiro íntimo (VPI ou violência pelo parceiro íntimo) tem impacto no ajustamento psicossocial dos filhos. Além disso, a violência sofrida pelas mães pode afetar as competências parentais. Métodos: Por meio do Child Behavior Checklist (CBCL), este trabalho analisa o ajustamento psicossocial em crianças de 6 a 17 anos que vivem com as mães em abrigos após vivenciarem situações de VPI. Também explora a associação entre as competências parentais das mães e a adaptação dos filhos em abrigos. Resultados: A avaliação mostra uma correlação negativa entre a qualidade do cuidado das mães com os seus filhos durante a sua permanência nos abrigos e a taxa de problemas comportamentais dos filhos, de forma que quanto melhores forem as competências parentais das mães, menor é a taxa de problemas comportamentais apresentados pelas crianças. Conclusões: Como resultado da VPI, as relações mãe-filho podem ser afetadas. Crianças expostas à VPI podem apresentar problemas de comportamento mais externalizantes e suas mães podem ter dificuldade em demonstrar comportamentos parentais competentes enquanto vivem em um abrigo. O trabalho deve ter como objetivo o restabelecimento das competências parentais nas mães e a qualidade das interações mãe-filho enquanto permanecem nos abrigos, em um esforço para mitigar as consequências psicossociais da VPI para seus filhos.

Palavras –Chaves: violência por parceiro íntimo (VPI), parentalidade, filhos, interações mãe-filho, problemas comportamentais: Child Behavior Checklist (CBCL), abrigos

ASSAAD, R.; FRIEDEMANN-SÁNCHEZ, G.; LEVISON, D. Impact of Domestic Violence on Children's Education in Colombia: Methodological Challenges. **Violence against women**, v. 23, n. 12, p. 1484, 1 out. 2017.

Resumo: Este artigo explora os desafios metodológicos de estimar os efeitos da violência praticada pelo parceiro íntimo (VPI) contra a mãe nos resultados educacionais de seus filhos. Enfrentamos o problema da endogeneidade potencial e da seleção não aleatória de crianças em situações em que são expostas à VPI usando métodos de correspondência não paramétricos e métodos de variáveis instrumentais paramétricas. Usando o DHS da **Colômbia de 2005 (N = 21.827)**, descobrimos que os estimadores IV e não IV produzem resultados qualitativamente semelhantes, mas em graus variáveis de precisão, para alguns dos resultados educacionais, mas não para outros. Isso sugere que a exogeneidade da VPI para vários resultados educacionais não pode ser tomada como certa e que métodos apropriados precisam ser usados para estudar seus efeitos causais.

Palavras –Chaves: violência doméstica, violência contra parceiro íntimo, educação, crianças, resultados, Colômbia

SIANKO, N.; HEDGE, J. M.; MCDONELL, J. R. Differential Adjustment Among Rural Adolescents Exposed to Family Violence. **Journal of interpersonal violence**, v. 34, n. 4, p. 712, 1 fev. 2019.

Resumo: Este estudo examina as diferenças no ajustamento psicológico em uma amostra de adolescentes rurais que foram expostos à violência familiar. Questionários de autorrelato foram administrados a 580 adolescentes e seus cuidadores principais. Os resultados revelaram que mais de dois terços dos participantes do estudo (68,8%) foram expostos à violência em suas famílias. Como hipotetizado, a análise de cluster identificou vários perfis entre os adolescentes, distinguidos por seu funcionamento psicológico e emocional: bem ajustados (46,2%), moderadamente ajustados (44,3%) e com dificuldades (9,5%). A análise da função discriminante confirmou os agrupamentos e revelou que o funcionamento familiar estava entre os fatores mais influentes que explicam as diferenças de ajustamento. As análises multivariadas de variância (MANOVAs) mostraram ainda que os adolescentes de cada um dos três perfis de ajuste relataram níveis significativamente diferentes de apoio social familiar, envolvimento dos pais e segurança percebida na vizinhança. No geral, os resultados confirmam a heterogeneidade da adaptação do adolescente após a violência familiar e fornecem percepções sobre os fatores da família e da vizinhança que são responsáveis pela variabilidade nas reações dos adolescentes à violência. Implicações para pesquisas futuras e intervenções práticas são discutidas.

Palavras –Chaves: ajustamento; crianças; violência doméstica; exposição; rural

MA, J.; GROGAN-KAYLOR, A.; DELVA, J. Behavior Problems Among

Adolescents Exposed to Family and Community Violence in Chile. **Family relations**, v. 65, n. 3, p. 502, 1 jul. 2016.

Resumo: A pesquisa que examina simultaneamente a relação de vários tipos de violência familiar e comunitária com os resultados dos adolescentes é limitada na literatura de pesquisa anterior, particularmente na América Latina. Este estudo examina a relação da exposição do adolescente à violência familiar e comunitária - uso de punição corporal por parte dos pais, violência na comunidade, agressão física por parceiro íntimo - com oito subescalas do AutoRelatório da Juventude entre uma amostra chilena de 593 pares de mães e adolescentes. Os resultados dos modelos multiníveis indicaram uma associação positiva entre a exposição do adolescente à violência na família e na comunidade e uma ampla gama de resultados de problemas de comportamento, em particular, agressão. Com evidências crescentes sobre o efeito prejudicial da violência no bem-estar dos adolescentes, esses resultados enfatizam a necessidade de uma compreensão mais abrangente dos vários tipos de violência aos quais os adolescentes são expostos dentro da família e da comunidade e a necessidade concomitante de reduzir as múltiplas formas de violência.

Palavras –Chaves: Violência na comunidade; punição corporal; agressão física do parceiro íntimo; problemas de comportamento juvenil

GALÁNTAI, J.; LIGETI, A. S.; WIRTH, J. Children Exposed to Violence: Child Custody and its Effects on Children in Intimate Partner Violence Related Cases in Hungary. **Journal of Family Violence**, v. 34, n. 5, p. 399, 15 jul. 2019.

Resumo: A violência pode aumentar após a separação e a visitação pode oferecer uma oportunidade ao perpetrador de manter o poder e o controle sobre a mãe e o filho. Em relacionamentos onde existe violência por parceiro íntimo (VPI), é hipotetizado que os pais podem continuar com seus comportamentos violentos durante a visita aos filhos. O estudo usa métodos mistos: Após o preenchimento de um questionário de triagem ($n = 593$) recrutamos 168 indivíduos de nossa amostra com casos problemáticos de custódia de crianças que completaram uma pesquisa online. Entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 30 mães com experiência em casos problemáticos de custódia de crianças. Este artigo relata apenas os resultados qualitativos da pesquisa. Os resultados destacam como os direitos de custódia e visita podem ser usados como uma forma de violência sob custódia e uma continuação da VPI. Casos problemáticos de custódia e visitação de crianças foram relatados

após a separação de um parceiro abusivo devido ao uso de procedimentos legais como arma para manter o poder e o controle sobre o ex-parceiro e a criança. As instituições envolvidas na custódia e procedimentos legais relacionados ao contato não levam em consideração a violência do ex-parceiro abusivo como um fator ao determinar a custódia e os arranjos de contato, mesmo que possa funcionar em oposição ao bem-estar da criança. A análise dos dados mostra que a guarda dos filhos e os arranjos de visitação não refletem uma compreensão clara da violência doméstica, do controle coercitivo e dos efeitos disso no bem-estar das crianças. Os pais foram relatados como capazes de controlar a vida cotidiana de seus ex-parceiros e seus filhos por falta de reconhecimento institucional da violência doméstica.

Palavras-chave: Guarda infantil, Violência familiar, Efeitos sobre as crianças, Violência institucional

ALISIC, E. et al. Children bereaved by fatal intimate partner violence: A population-based study into demographics, family characteristics and homicide exposure. **PLoS ONE**, v. 12, n. 10, 1 out. 2017.

Resumo : No contexto da violência contra as mulheres, o homicídio por parceiro íntimo recebe cada vez mais atenção de pesquisas e políticas. Embora o impacto da perda de um dos pais devido ao homicídio do parceiro íntimo seja intuitivamente óbvio, pouco se sabe sobre os filhos envolvidos. Nosso objetivo foi identificar todas as crianças enlutadas por homicídio parental por parceiro íntimo na Holanda no período de 2003-2012, descrever sua demografia e circunstâncias familiares e avaliar sua exposição a violência anterior em casa e ao próprio homicídio. Métodos e descobertas: Nós examinamos 8 fontes de dados nacionais e extraímos dados sobre a demografia e as circunstâncias das crianças antes e durante o homicídio. Nossos resultados principais foram violência anterior em casa (maus-tratos infantis, negligência ou violência doméstica) e status de testemunha de homicídio (variando de estar em um local totalmente diferente a estar presente no local). Durante a década em estudo, 256 crianças perderam um pai biológico devido a 137 casos de homicídio de parceiro íntimo. Em média, as crianças tinham 7,4 anos na época do homicídio (51,1% eram meninos; IC95% 47,3–54,7) e a maioria perdeu a mãe (87,1%; dados populacionais completos). As crianças imigrantes estavam sobrerrepresentadas (59,4%; IC 95% 52,8–66,0). Das crianças para as quais foram coletadas informações sobre violência anterior em casa, 67,7% (IC95% 59,7-73,7) foram certamente expostas e 16,7% (IC95% 11,3-22,2) provavelmente. Das

crianças que certamente foram expostas, 43,1% (IC95% 41,1–60,9) não receberam serviços sociais ou de saúde mental. A maioria das crianças (58,7%; IC95% 52,1–65,3) estava presente no local do homicídio no momento do assassinato, com níveis variados de exposição. As armas de homicídio envolviam principalmente armas de corte e armas de fogo, levando a cenas de crime explícitas. Conclusões: Os prestadores de cuidados precisam de capacidade não apenas para ajudar as crianças a lidar com a perda repentina de um dos pais, mas também com histórias não abordadas de violência doméstica e exposição a cenas explícitas de homicídio, de uma forma culturalmente sensível. As direções futuras incluem monitoramento longitudinal dos resultados de saúde mental das crianças e replicação em outros países.

Palavras-chave: Custódia da criança; Efeitos nas crianças; Violência familiar; Violência institucional

SLOPEN, N. et al. Maternal experiences of intimate partner violence and C-reactive protein levels in young children in Tanzania. *SSM - Population Health*, v. 6, p. 107, 1 dez. 2018.

Resumo: A violência por parceiro íntimo (VPI) é um problema crítico de saúde pública que afeta mulheres e crianças em todo o mundo. Estudos anteriores documentaram que as experiências maternas de VPI estão associadas a resultados adversos de saúde física e psicológica em crianças; no entanto, a pesquisa sobre as vias fisiológicas subjacentes que ligam a VPI a essas condições é limitada. Com base nos dados da Pesquisa Demográfica e de Saúde da Tanzânia de 2010, examinamos a relação entre o relato materno de VPI nos últimos 12 meses e a inflamação em crianças de 6 meses a 5 anos. Nosso estudo incluiu 503 crianças que foram selecionadas aleatoriamente para fornecer uma amostra de sangue e tinham uma mãe que já havia sido casada e que havia concluído o Módulo de Violência Doméstica, que coletou informações sobre violência física, sexual e emocional. As análises foram estratificadas com base em um limite para o estado de ativação imune aguda, definido pelo limite de CRP > 1,1 mg / L para crianças pequenas na Tanzânia. Em análises bivariadas, crianças saudáveis cujas mães relataram VPI mostraram um nível médio de PCR marginalmente elevado em comparação com crianças cujas mães não relataram VPI (0,35 vs.

0,41 mg / L; $p = 0,13$). Da mesma forma, entre as crianças com infecções ativas ou recentes, aquelas cujas mães relataram VPI tiveram uma PCR média elevada em comparação com as crianças cujas mães não o fizeram (4,06 vs 3,09 mg / L; $p = 0,03$). Em modelos de regressão de múltiplas variáveis ajustados para considerar as características da criança, mãe e família, a VPI materna foi positivamente associada com (log) PCR em crianças saudáveis e crianças com infecção ativa ou recente.

Palavras-chave: Crianças, Violência do parceiro íntimo, Proteína C reativa, Inflamação, Pesquisa Demográfica e de Saúde da Tanzânia

FONSEKA, R. W.; MINNIS, A. M.; GOMEZ, A. M. Impact of Adverse Childhood Experiences on Intimate Partner Violence Perpetration among Sri Lankan Men. **PLoS ONE**, v. 10, n. 8, 21 ago. 2015.

Resumo : No Sri Lanka, mais de uma em cada três mulheres sofre vitimização por violência praticada pelo parceiro íntimo (VPI) durante a vida, o que a torna um sério problema de saúde pública. As experiências adversas na infância (ACEs), como abuso e negligência infantil, testemunhar a violência doméstica, separação dos pais e bullying também são comuns. Estudos em ambientes ocidentais mostraram associações positivas entre ACEs e perpetração de VPI na idade adulta, mas poucos examinaram essa relação em um contexto não ocidental. No presente estudo, examinamos a associação de ACEs com perpetração de VPI entre homens do Sri Lanka entrevistados para o Estudo Multinacional das Nações Unidas sobre Homens e Violência na Ásia e no Pacífico. Encontramos associações positivas estatisticamente significativas entre o número de categorias ACE (pontuação ACE) e emocional, financeiro, físico, e perpetração sexual de VPI entre homens do Sri Lanka. Analisamos as contribuições de cada categoria ACE e descobrimos que o abuso na infância estava fortemente associado à perpetração de VPI na idade adulta, com o abuso sexual associado ao maior aumento nas chances de perpetração (odds ratio ajustada 2,36; intervalo de confiança de 95%: 1,69, 3,30) . Testemunhar o abuso da mãe foi associado ao maior aumento nas chances de perpetrar VPI física (AOR 1,82; IC 95%: 1,29, 2,58), enquanto a falta de uma figura parental masculina não foi associada à perpetração física de VPI (AOR 0,76; 95 % CI: 0,53, 1,09). Esses achados apoiam uma teoria de aprendizagem social da perpetração de VPI, na qual crianças expostas à violência aprendem a perpetrar VPI na idade adulta. Eles também sugerem que, no Sri Lanka, ser criado em uma família chefiada por uma

mulher não aumenta o risco de perpetração de VPI na idade adulta em comparação com ser criado em uma família com uma figura parental masculina. A relação entre ter sido criado em uma família chefiada por uma mulher (cujo número aumentou dramaticamente durante a recente guerra civil no Sri Lanka) e a perpetração de VPI justifica um estudo mais aprofundado. As intervenções que visam diminuir o abuso infantil no Sri Lanka podem proteger as crianças agora e reduzir a VPI no futuro, diminuindo a violência em várias frentes.

ISLAM, M. J. et al. Assessing the link between witnessing inter-parental violence and the perpetration of intimate partner violence in Bangladesh. **BMC Public Health**, v. 17, n. 1, 10 fev. 2017.

Resumo : Nosso objetivo foi examinar a influência do testemunho de violência de pai para mãe sobre: 1) perpetração de violência por parceiro íntimo (VPI); e 2) endosso de atitudes que justificam o espancamento de mulheres em Bangladesh. Este documento usou dados da Pesquisa Demográfica de Saúde de Bangladesh de 2007. As análises foram baseadas nas respostas de 3374 homens já casados. A exposição à VPI foi determinada por autorrelatos de homens que testemunharam violência interparental na infância. Usamos modelos de regressão logística binária ajustados para avaliar a influência da exposição na perpetração dos maridos de VPI e seu endosso de atitudes que justificam o espancamento da esposa. Quase 60% dos homens relataram comportamento violento em relação a uma parceira íntima e 35,7% endossaram atitudes que justificam o abuso conjugal. Homens que testemunharam violência de pai para mãe tiveram maior chance de relatar qualquer VPI física ou sexual (OR ajustado [AOR] = 3,26; IC 95% = 2,61, 4,06). Homens que testemunharam violência de pai para mãe também tiveram 1,34 vez (IC 95% = 1,08, 1,65) mais chances de endossar atitudes que justificam o abuso conjugal. Cometer violência contra um parceiro íntimo é uma prática muito frequente entre os homens em Bangladesh. O estudo indicou que homens que testemunharam violência de pai para mãe eram mais propensos a perpetrar VPI, sugerindo uma transmissão intergeracional da violência. Essa transmissão da violência pode operar por meio do aprendizado e modelagem de atitudes favoráveis ao abuso conjugal. Em apoio a isso, testemunhar a violência entre os pais também foi associado ao endosso de atitudes que justificam o abuso conjugal. Nossas descobertas indicam a importância contínua dos esforços para identificar e assistir meninos que testemunharam violência doméstica e sugerem que tais

esforços devem ter como objetivo a mudança não apenas de comportamentos, mas também de atitudes que facilitem tal violência.

Palavras-chave: Testemunho de violência interparental, perpetração de VPI, Justificativa de espancamento de esposa, Homens, Transmissão intergeracional de violência, Bangladesh

FERDOUSY, E. Z.; MATIN, M. A. Association between intimate partner violence and child morbidity in South Asia. **Journal of Health, Population, and Nutrition**, v. 33, n. 1, 14 ago. 2015.

Resumo : Este estudo investiga a associação entre violência por parceiro íntimo (VPI) contra mulheres e seu impacto na morbidade infantil na região do sul da Ásia. A análise usa modelos de regressão logística com dados transversais representativos nacionalmente de três países - Bangladesh, Índia e Nepal. Os dados foram coletados de 'Pesquisas Demográficas e de Saúde' (DHS) de Bangladesh, Nepal e 'Pesquisa Nacional de Família e Saúde' (NFHS) da Índia. O estudo revelou que, depois de controlar possíveis fatores de confusão, filhos de mães sofrendo de violência física, violência sexual ou ambos tinham maior probabilidade de ter infecção respiratória aguda (IRA) (OR adj 1,57; IC 95% 1,48-1,67), febre (OR adj 1,44 ; IC 95% 1,35-1,54) e diarreia (OR adj 1,56; IC 95% 1,44-1,69). Os resultados destacam que a VPI pode influenciar a morbidade infantil e apoiar a necessidade de abordar a VPI com um foco maior nos programas e políticas atuais de nutrição e saúde infantil.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo, morbidade infantil, região do sul da Ásia, Bangladesh DHS, Índia DHS, Nepal DHS

ABEL, K. M. et al. Intelligence in offspring born to women exposed to intimate partner violence: a population-based cohort study. **Wellcome Open Research**,

Resumo: A violência por parceiro íntimo (VPI) é um fator de risco para problemas de desenvolvimento na prole. Apesar de uma alta prevalência de VPI no Reino Unido e em outros lugares, os resultados de longo prazo de filhos nascidos de mães expostas permanecem pouco pesquisados. Estudo de coorte de base populacional. Avaliamos a prevalência de VPI por tipo e tempo para 3.153 pares mãe-filho com dados completos em nossa população de estudo e examinamos as associações entre VPI e QI da prole. Usamos imputação múltipla para avaliar o viés devido à nossa exclusão de observações com dados de covariável ausentes. Quase uma em cada cinco mães relatou VPI durante o período do estudo, com 17,6% relatando violência emocional e 6,8% relatando violência física. Levando em consideração

possíveis fatores de confusão, os escores de QI de crianças nascidas de mães expostas à violência física permaneceram mais baixos do que os de crianças não expostas da mãe (QI de escala completa = -2,8 pontos [IC de 95% -4,9 a -0,7], QI verbal = - 2,2 [IC de 95% -4,4 a -0,1], desempenho IQ = -2,7 [IC de 95% -5,0 a -0,5]) e as chances de inteligência abaixo da média (IQ <90) permaneceram aumentadas para a escala completa (OR 1,48 [IC de 95% 1,03 a 2,14] e QI de desempenho (OR 1,48 [IC 95% 1,08 a 2,04]), mas não QI verbal (OR 1,06 [IC 95% 0,69 a 1,64]). A maior parte da violência física ocorreu após o parto, e as chances relativas foram mais substancial quando as mães foram expostas à violência durante os períodos de estudo pré / perinatal e pós-natal (OU QI de desempenho < .A exposição materna à VPI física está associada com menor QI da prole aos 8 anos de idade. As associações persistiram após o ajuste para possíveis fatores de confusão e foram impulsionadas pela violência ocorrida no período pós-natal.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo, coorte de base populacional, QI da prole, ALSPAC

BINTABARA, D.; KIBUSI, S. M. Intimate partner violence victimization increases the risk of under-five morbidity: A stratified multilevel analysis of pooled Tanzania Demographic Health Surveys, 2010-2016. **PLoS ONE**, v. 13, n. 8, 1 ago. 2018

Resumo: Um determinante oculto, como a vitimização pela violência do parceiro íntimo, tem sido associado à morbidade e mortalidade de menores de cinco anos. No entanto, faltam informações sobre qual exatamente a faixa etária de menores de cinco anos é mais vulnerável à morbidade quando suas mães são expostas à vitimização por violência praticada pelo parceiro íntimo. Este estudo teve como objetivo determinar o efeito da exposição de mães à vitimização por violência praticada pelo parceiro íntimo sobre a morbidade específica de menores de cinco anos que poderia levar à mortalidade. O presente estudo reuniu e analisou dados de conjuntos de dados da Pesquisa Demográfica de Saúde da Tanzânia de 2010 e 2016. Usamos uma modelagem multinível estratificada para avaliar a associação entre a morbidade de menores de cinco anos e a vitimização por violência por parceiro íntimo de acordo com os grupos etários. A abordagem estatística usando o Stata 14 foi usada para ajustar o efeito de agrupamento e ponderou as estimativas para corrigir as não respostas e a amostragem desproporcional empregada durante a elaboração das pesquisas. Um total de 13.639 bebês nascidos vivos únicos nos três anos anteriores às datas das entrevistas de mulheres já casadas foram incluídos na análise. Encontramos uma redução significativa dos três principais sintomas de morbidade de menores de cinco anos, a saber; uma tosse com

dificuldade ou respiração rápida de 21,7 a 15,7%, febre de 22,5 a 18,3% e diarreia de 15,5 a 12,7% para os anos de pesquisa de 2010 a 2016, respectivamente ($P < 0,05$). No geral, cerca de 40% das mães relataram vivenciar qualquer forma de vitimização por violência praticada pelo parceiro íntimo. Após o ajuste para variáveis individuais e de agrupamento, descobrimos que menores de cinco anos no período pós-neonatal (odds ratios ajustados = 1,50; IC 95%, 1,21-1,86) e período da infância (odds ratios ajustados = 1,40; IC 95%, 1,24– 1,57) foram significativamente afetados pela morbidade quando suas mães foram expostas a qualquer forma de vitimização pela violência do parceiro íntimo. Esta análise revelou que a vitimização da violência praticada pelo parceiro íntimo ainda é um grande problema de saúde pública na Tanzânia, que ameaça a saúde infantil durante o período pós-neonatal e na infância. É necessário introduzir a triagem para a vitimização da violência praticada pelo parceiro íntimo no atendimento materno-infantil para o monitoramento e prevenção eficazes do problema.

NARAYAN, A. J. et al. The Legacy of Early Childhood Violence Exposure to Adulthood Intimate Partner Violence: Variable- and Person-Oriented Evidence. **Journal of family psychology : JFP : journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)**, v. 31, n. 7, p. 833, 1 out. 2017

Resumo : Este estudo examinou os caminhos prospectivos da exposição à violência interparental (EIPV) durante a infância (idades de 0 a 24 meses) e infância / pré-escola (idades de 25 a 64 meses) à violência por parceiro íntimo (IPV) perpetração e vitimização na idade adulta (idades de 23, 26 , e 32 anos) usando duas abordagens complementares. Com base nas descobertas anteriores, uma abordagem orientada para variáveis foi usada para examinar os efeitos do tempo de desenvolvimento de EIPV na infância em relação à infância / pré-escola até o envolvimento de IPV no início da idade adulta, aos 23 anos. A seguir, uma abordagem orientada para a pessoa examinou se a continuidade e a mudança na VPI (persistência, aumento, e padrões decrescentes versus não violentos) ao longo da transição do início da idade adulta para a idade adulta (idades de 26 a 32 anos) foram previstos pelo tempo de desenvolvimento de EIPV na primeira infância e / ou fatores contemporâneos da idade adulta (estresse da vida e problemas de comportamento). Neste estudo longitudinal totalmente prospectivo começando no nascimento, as mães relataram sobre EIPV na infância e na infância / pré-escola, e os participantes (N = 179) relataram sobre VPI e estresse contemporâneo e comportamento no início da vida adulta e na idade adulta. Os resultados indicaram que, de acordo com a abordagem orientada para variáveis, o EIPV na infância / pré-escola, mas não na primeira infância, previu a perpetração e vitimização da VPI aos 23 anos.

A abordagem orientada para a pessoa revelou que, junto com o estresse da vida e o comportamento de externalização, o EIPV na infância / pré-escola, mas não infância,

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo, infância, infância / pré-escola, abordagem orientada para variáveis, abordagem orientada para a pessoa, psicopatologia do desenvolvimento

MANDAL, M.; HINDIN, M. J. Keeping it in the family: Intergenerational transmission of violence in Cebu, Philippines. **Maternal and child health journal**, v. 19, n. 3, p. 598, 1 mar. 2015.

Resumo: Embora testemunhar violência entre pais seja um dos correlatos mais consistentes de experimentar violência por parceiro íntimo na vida adulta, existem poucas pesquisas em países em desenvolvimento sobre os efeitos de testemunhar violência por parceiro íntimo (VPI) no envolvimento de adultos jovens com violência familiar. Este estudo examina a relação entre o testemunho de VPI interparental e o uso subsequente e a experiência de jovens adultos com intimidação familiar e abuso físico (FIPA) em Cebu, Filipinas. Usando dados da Pesquisa Longitudinal de Saúde e Nutrição de Cebu, o uso recente e a experiência do FIPA entre jovens adultos de 21 a 22 anos foram avaliados por meio de autorrelatos da pesquisa de 2005 e testemunhos infantis de VPI interparental avaliada na pesquisa de 2002. A regressão logística multinomial foi usada para examinar o efeito do testemunho de VPI interparental no uso e na experiência do FIPA por adultos jovens. Entre todos os jovens adultos, presenciar a perpetração paterna de VPI prevista pelo FIPA e presenciar a perpetração materna predita a vivência do FIPA. Apenas entre mulheres adultas jovens, testemunhar VPI recíproca entre os pais previu experimentar FIPA. Testemunhar a perpetração paterna de VPI entre jovens adultos do sexo masculino, perpetração materna entre mulheres adultas jovens e VPI interparental recíproca entre todos os adultos jovens previu jovens adultos tanto usando quanto experimentando FIPA. Os esforços de prevenção da violência devem atingir todos os membros da família por meio de intervenções centradas na família. Os currículos escolares, que enfocam amplamente a violência do parceiro íntimo e de pares, devem reconhecer o uso e a experiência de violência por parte dos adolescentes com membros da família e elaborar módulos de acordo. Mais pesquisas sobre as diferenças de gênero na violência familiar são recomendadas.

Palavras-chave: intimidação, abuso físico, violência contra parceiro íntimo, jovens adultos, adolescentes, violência familiar, Filipinas

JOURILES, E. N. et al. Children Exposed to Intimate Partner Violence: Conduct Problems, Interventions, and Partner Contact with the Child. **Journal of clinical child and adolescent psychology : the official journal for the Society of Clinical Child and Adolescent Psychology, American Psychological Association, Division 53**, v. 47, n. 3, p. 397, 4 maio 2018.

Resumo: O contato da criança com o parceiro violento da mãe é uma variável potencialmente importante para a compreensão dos problemas de conduta entre crianças expostas à violência por parceiro íntimo (VPI). No contexto de um estudo de tratamento avaliando uma intervenção parental (Apoio ao Projeto) para famílias que saem de um abrigo para violência doméstica, este estudo testou quatro hipóteses sobre o contato pós-abrigo das crianças com o parceiro violento de sua mãe: 1) a participação no Apoio ao Projeto diminui a frequência de o contato da criança com o parceiro violento da mãe; 2) o contato pós-abrigo está positivamente associado aos problemas de conduta das crianças e é mais fortemente associado às meninas do que aos meninos; 3) a frequência do contato medeia os efeitos do Apoio ao Projeto sobre os problemas de conduta das crianças. Os participantes foram 66 mulheres (26 brancas) com um filho (32 meninas) entre 4 e 9 anos. As famílias foram avaliadas a cada 4 meses durante 20 meses após a saída de um abrigo de violência doméstica. O Apoio ao Projeto reduziu a extensão do contato entre parceiro e filho. Além disso, as mudanças dentro do assunto no contato ao longo do tempo foram associadas a problemas de conduta de meninas, mas não de meninos, e mediou parcialmente os efeitos do Apoio ao Projeto sobre os problemas de conduta de meninas. Níveis médios mais elevados de contato ao longo do tempo também foram positivamente associados a novos incidentes de VPI e agressão parceiro-filho, e a agressão parceiro-filho ajudou a explicar os efeitos do contato nos problemas de conduta das crianças. O contato pós-abrigo das crianças com o parceiro violento da mãe relaciona-se positivamente a vários resultados familiares negativos.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo, problemas de conduta infantil, intervenções parentais, exposição de crianças à violência.

NARAYAN, A. J.; ENGLUND, M. M.; EGELAND, B. Developmental Timing and

Continuity of Exposure to Interparental Violence and Externalizing Behavior as Prospective Predictors of Dating Violence. **Development and psychopathology**, v. 25, n. 4 0 1, p. 973, nov. 2013.

Resumo : Este estudo investigou os caminhos prospectivos da exposição de crianças à violência interparental (EIPV) na primeira e meia infância e o comportamento de externalização na meia infância e adolescência como preditores de desenvolvimento de perpetração de violência no namoro e vitimização nas idades de 23 e 26 anos. Participantes (N= 168) foram retirados de um estudo longitudinal de famílias de baixa renda. As análises de trajetórias examinaram se o tempo ou a continuidade do EIPV previu a violência no namoro e se o tempo ou a continuidade do comportamento externalizante mediou esses caminhos. Os resultados indicaram que o EIPV na primeira infância previu diretamente perpetração e vitimização aos 23 anos. Houve efeitos indiretos significativos do EIPV à violência no namoro por meio de comportamento de externalização na adolescência e estresse de vida aos 23 anos. violência por meio de comportamentos externalizantes na adolescência e estresse da vida aos 23 anos, mas essa via se originou de maus-tratos. Esses resultados destacam que o momento da EIPV e tanto o momento quanto a continuidade do comportamento de externalização são riscos críticos para a transmissão intergeracional da violência no namoro. As descobertas apóiam uma perspectiva de desenvolvimento de que as experiências negativas na infância e o comportamento de externalização das crianças são influências poderosas para a violência no namoro no início da idade adulta.

Palavras-chave: Palavras- chave: exposição à violência interparental, comportamento de externalização, violência no namoro, vias de desenvolvimento prospectivas, estresse da vida

Resumo :A violência por parceiro íntimo (VPI) contra as mulheres tem um impacto negativo na saúde infantil. No entanto, seu impacto na biologia do bebê, em particular no comprimento dos telômeros (TL), é desconhecido. O objetivo deste estudo foi examinar a associação entre VPI contra mulheres antes do parto e LT do sangue do cordão umbilical em seus recém-nascidos. Um total de 774 mulheres grávidas entre 20 e 24 semanas de gestação foram recrutadas em um hospital público em Hong Kong. A exposição das mães à VPI antes do parto, características demográficas, resultados obstétricos, saúde e saúde mental foram

medidos no momento do recrutamento e 4 semanas após o parto. O sangue do cordão umbilical foi coletado por parteiras no momento do parto. O LT do recém-nascido foi quantificado pelo método de PCR quantitativo e expresso na relação T / S (a relação entre os números de cópias repetidas dos telômeros e os números de genes de uma única cópia). $\beta = -0,08$, IC 95% = $-0,14, -0,01$) foi associado a menor TL. Especificamente, abuso psicológico contra mulheres antes do parto ($\beta = -0,08$, IC 95% = $-0,15, -0,02$) e abuso sexual contra mulheres antes do parto ($\beta = -0,22$, IC 95% = $-0,43$ a $-0,01$) foram significativamente associados com redução da LT do recém-nascido. Este estudo é o primeiro a fornecer evidências de uma associação entre VPI contra mulheres antes do parto e encurtamento de LT em seus recém-nascidos. Por meio da transcrição dependente de LT e de mecanismos epigenéticos, nosso achado sugere que a exposição materna à VPI pode exercer um impacto vitalício sobre a saúde da prole.

Palavras –Chaves: Biomarcadores, Psicologia

CHANDER, P. et al. Intimate Partner Violence and Child Behavioral Problems in South Africa. *Pediatrics*, v. 139, n. 3, 1 mar. 2017.

Resumo : Pesquisas em países de alta renda demonstraram repetidamente que a violência praticada por parceiro íntimo (VPI) vivenciada por mulheres afeta negativamente a saúde e o comportamento das crianças sob seus cuidados. No entanto, há poucas pesquisas sobre o tema em países de renda média e baixa. O Estudo Asenze de base populacional coletou dados sobre crianças e seus cuidadores em KwaZulu-Natal, África do Sul. Esta análise de dados explora a associação da VPI do cuidador com os resultados do comportamento infantil em crianças <12 anos e é o primeiro estudo desse tipo na África. Este estudo de base populacional foi realizado em 5 áreas tribais Zulu caracterizadas pela pobreza, insegurança alimentar, desemprego e uma alta prevalência de HIV. O Estudo Asenze entrevistou cuidadores por meio de medidas validadas de VPI, uso de álcool, dificuldades de saúde mental do cuidador e transtornos de comportamento infantil em seus filhos pré-escolares. Entre os 980 cuidadores avaliados, 37% experimentaram VPI do parceiro atual. A experiência de violência do parceiro (qualquer, física ou sexual) permaneceu fortemente associada a problemas gerais de comportamento infantil (intervalo de razão de chances: 2,46-3,10), mesmo após a idade, condição de HIV, coabitação com o parceiro, uso de álcool e transtorno de estresse pós-traumático foram contabilizados. As dificuldades comportamentais

na infância estão associadas à experiência de VPI do cuidador nessa população, mesmo depois de ajustadas as outras causas esperadas de dificuldades comportamentais da criança. É necessário investigar o impacto de longo prazo da violência do parceiro cuidador, particularmente a VPI sexual, sobre a saúde e o bem-estar de crianças vulneráveis em países de renda média e baixa. Os estudos também devem investigar se a prevenção da VPI reduz a ocorrência de dificuldades de comportamento na infância.

SUGLIA, S. F. et al. Violence exposure, a chronic psychosocial stressor, and childhood lung function. **Psychosomatic medicine**, v. 70, n. 2, p. 160, fev. 2008.

Resumo : Estressores psicossociais crônicos, incluindo violência, têm sido associados ao desenvolvimento neuropsicológico e comportamental em crianças, bem como a alterações fisiológicas que podem levar a efeitos mais amplos na saúde. Nós examinamos a relação entre violência e função pulmonar na infância em uma coorte de nascimentos prospectiva de 313 crianças urbanas de 6 e 7 anos de idade. As mães relataram a exposição de seus filhos à violência comunitária (ETV) e conflito interparental em casa [Conflict Tactics Scale (CTS)] um ano após a avaliação da função pulmonar. Em análises de regressão linear, ajustando para educação materna, idade da criança, raça, peso ao nascer, exposição à fumaça do tabaco e histórico médico, as meninas no tercil de agressão verbal CTS mais elevados tiveram uma redução de 5,5% (IC 95%: -9,6, -1,5) em por cento previu o VEF 1 e uma diminuição de 5,4% (IC 95%: -9,7, -1,1) na CVF em comparação com as meninas no tercil inferior. A subescala de agressão verbal do CTS foi associada à função pulmonar entre os meninos na mesma direção, embora não tenha sido estatisticamente significativa. Os meninos no tercil de ETV mais alto tiveram um VEF 1 de 3,4% (IC de 95%: -8,0, 1,1) e 5,3% menor (IC de 95%: -10,2, -0,4) em comparação com os meninos no tercil mais baixo. O escore ETV não foi um preditor significativo da função pulmonar das meninas. O conflito interparental, especificamente a agressão verbal e a exposição à violência comunitária foram associados à diminuição da função pulmonar na infância, independentemente do status socioeconômico, exposição à fumaça do tabaco, peso ao nascer e histórico de doenças respiratórias. As diferenças de gênero foram observadas com base no tipo de exposição à violência, o que pode justificar uma exploração mais aprofundada.

Palavras-chave: função pulmonar, exposição à violência, crianças

EL-SHEIKH, M. et al. Marital Psychological and Physical Aggression and Children's

Mental and Physical Health: Direct, Mediated, and Moderated Effects. **Journal of consulting and clinical psychology**, v. 76, n. 1, p. 138, fev. 2008.

Resumo : As relações entre a agressão conjugal (psicológica e física) e a saúde dos filhos foram examinadas. A insegurança emocional das crianças foi avaliada como mediadora dessas relações, com distinções feitas entre agressão conjugal contra mães e pais e etnia (afro-americano ou europeu-americano), status socioeconômico e gênero da criança examinados como moderadores dos efeitos. Os participantes foram 251 famílias recrutadas pela comunidade, com vários repórteres de cada construção. A agressão contra qualquer um dos pais produziu efeitos semelhantes para os filhos. A insegurança emocional das crianças mediou a relação entre a agressão conjugal e os sintomas de transtorno de estresse pós-traumático internalizante, externalizante e pós-traumático dos filhos.

Palavras-chave: agressão conjugal, teoria da segurança emocional, saúde infantil, adaptação infantil, PTSD

ACKERSON, L. K.; SUBRAMANIAN, S. V. Domestic Violence and Chronic Malnutrition among Women and Children in India. **American Journal of Epidemiology**, v. 167, n. 10, p. 1188, maio 2008.

Resumo :A violência doméstica tem correlatos prejudiciais à saúde física e psicológica, mas há poucas evidências sobre uma relação entre violência doméstica e desnutrição. Para investigar essa relação, os autores analisaram dados de 69.072 mulheres de 15 a 49 anos e 14.552 crianças de 12 a 35 meses na Pesquisa Nacional de Saúde da Família indiana de 1998-1999. A vitimização da violência doméstica física foi autorrelatada pelas mulheres. Os aspectos do estado nutricional incluídos neste estudo foram anemia e baixo peso. A anemia foi medida com um exame de sangue para hemoglobina. O baixo peso foi calculado a partir de medidas antropométricas e determinado como índice de massa corporal para mulheres, e incluiu nanismo e definhamento para crianças. Os resultados indicam associações de múltiplos incidentes de violência doméstica no ano anterior com anemia (odds ratio = 1,11, Intervalo de confiança de 95%: 1,04, 1,18) e baixo peso (odds ratio = 1,21, intervalo de confiança de 95%: 1,13, 1,29) em mulheres e uma relação sugerida entre crianças. Os possíveis mecanismos para essa relação incluem a retenção de alimentos como forma de abuso e as influências mediadas pelo estresse da violência doméstica sobre os resultados nutricionais. Essas descobertas indicam que a redução da violência doméstica é importante não apenas de uma perspectiva moral e intrínseca, mas também por causa dos benefícios instrumentais para a saúde que provavelmente resultarão.

Palavras-chave: anemia, índice de massa corporal, distúrbios da nutrição infantil, violência doméstica, Índia, desnutrição, mulheres

ORR, C. et al. Exposure to family and domestic violence is associated with increased childhood hospitalisations. **PLoS ONE**, v. 15, n. 8, 1 ago. 2020.

Resumo : A exposição das crianças à violência doméstica e familiar (FDV) é uma preocupação de saúde pública global e é considerada um dos estressores mais comuns e graves que as crianças podem experimentar. Embora seja reconhecido que as crianças expostas ao FDV têm pior saúde geral, há uma falta de dados sobre os resultados das crianças expostas ao FDV. O uso de dados longitudinais foi sugerido como uma forma de obter uma compreensão do impacto nos resultados de longo prazo das crianças. Nosso estudo de coorte usou dados administrativos não identificados e vinculados a nível individual de crianças nascidas de 1987 a 2010, na Austrália Ocidental, que foram expostas ao FDV no período pré-natal (12 meses antes do nascimento) até cinco anos de idade (primeiros anos). Crianças expostas ao FDV têm maior probabilidade de serem hospitalizadas do que crianças não

expostas. Crianças expostas ao FDV no período pré-natal e na primeira infância tiveram uma chance três vezes maior de hospitalização por saúde mental. Encontramos um aumento significativo nas chances de hospitalização relacionada à gravidez em crianças expostas a FDV. Quando estratificados pelo status aborígine, as crianças aborígenes tiveram uma proporção maior de hospitalizações do que as crianças não aborígenes. Crianças expostas têm maior probabilidade de hospitalização do que crianças não expostas. Dentro da coorte exposta, as diferenças eram aparentes entre as crianças aborígenes e não aborígenes. As crianças aborígenes tiveram maiores chances de hospitalização na maioria dos grupos de diagnóstico em comparação com suas contrapartes não aborígenes. Nossos achados representam um importante avanço na literatura no que diz respeito à carga de doença das crianças expostas ao FDV.

Palavras-chave: Violência por parceiro íntimo, saúde mental, pós-conflito, estigma, adolescentes jovens.

GLASS, N. et al. The relationship between parent mental health and intimate partner violence on adolescent behavior, stigma and school attendance in families in rural Democratic Republic of Congo. **Global Mental Health**, v. 5, p. 1–12, 2018.

Resumo: O conflito prolongado e a instabilidade econômica desafiam as redes de apoio existentes nas famílias e na sociedade, causando um estresse significativo em adultos e adolescentes. Explorar fatores individuais, familiares e sociais que aumentam a probabilidade de ou protegem os adolescentes de resultados negativos é importante para o desenvolvimento de programas de prevenção e resposta baseados em evidências em contextos globais. Examine a relação entre a saúde mental dos pais e a experiência / perpetração de violência praticada pelo parceiro íntimo (VPI) e os comportamentos, estigma e frequência escolar dos adolescentes. A relação é examinada posteriormente quanto a diferenças por gênero. Análise secundária de dados de um ensaio de eficácia comparativa em andamento de um programa de transferência de ativos produtivos no leste da República Democrática do Congo (RDC). Trezentos e oitenta e oito adolescentes e díades de pais foram incluídos na análise. A análise demonstrou que a saúde mental dos pais e a VPI podem ter um impacto negativo no bem-estar de seus filhos e o impacto é diferente para meninos e meninas, provavelmente vinculado a papéis e responsabilidades de gênero em casa e na comunidade. As relações sociais dos adolescentes, conforme relatado por meio de estigma experiente, foram impactadas negativamente para meninos e meninas. O relato dos pais de sintomas de PTSD e

depressão teve um efeito negativo mais forte sobre os resultados das meninas, incluindo estigma experimentado, comportamentos de externalização e faltas à escola do que os meninos. Para meninos adolescentes, o relato de seus pais de vitimização / perpetração de VPI foi associado a comportamentos mais negativos na avaliação de acompanhamento de 8 meses. Os resultados reforçam a importância crítica das intervenções que envolvem os pais e seus filhos em atividades que promovam a saúde e melhorem os relacionamentos dentro da família.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo, saúde mental, pós-conflito, estigma, jovens adolescentes

STURGE-APPLE, M. L. et al. Interparental Violence, Maternal Emotional Unavailability and Children's Cortisol Functioning in Family Contexts. **Developmental Psychology**, v. 48, n. 1, p. 237, jan. 2012

Resumo : O objetivo do presente estudo foi examinar a especificidade das vias entre a violência interparental, a indisponibilidade emocional materna e a reatividade do cortisol das crianças a estressores emocionais nas relações interparentais e pais-filhos. O estudo também testou se contextos familiares prejudiciais estavam associados, em média, a respostas de hipocortisolismo ou hipercortisolismo a interações familiares estressantes em crianças pequenas. Os participantes incluíram 201 crianças pequenas e suas mães de famílias pobres que vivenciaram níveis desproporcionais de violência familiar. Avaliações de violência interparental foram derivadas de pesquisas e entrevistas maternas, enquanto a indisponibilidade emocional materna foi avaliada por meio de relatos maternos e avaliações de observadores sobre cuidados. Os níveis de cortisol salivar foram amostrados em três momentos antes e depois dos paradigmas de laboratório projetados para eliciar a reatividade das crianças a contextos interparentais e pais-filhos estressantes. Os resultados indicaram que a violência interparental e a indisponibilidade emocional da mãe foram diferencialmente associadas à reatividade ao estresse do adrenocortisol das crianças. Além disso, esses contextos de risco familiar previram mudanças no cortisol mais baixo em resposta ao sofrimento. Os resultados são interpretados no contexto das conceituações da teoria da família de risco e da segurança emocional que destacam como os contextos familiares impactam diferentemente nas capacidades regulatórias fisiológicas das crianças. Os resultados indicaram

que a violência interparental e a indisponibilidade emocional da mãe foram diferencialmente associadas à reatividade ao estresse do adrenocorticol das crianças. Além disso, esses contextos de risco familiar previram mudanças no cortisol mais baixo em resposta ao sofrimento. Os resultados são interpretados no contexto das conceituações da teoria da família de risco e da segurança emocional que destacam como os contextos familiares impactam diferentemente nas capacidades regulatórias fisiológicas das crianças. Os resultados indicaram que a violência interparental e a indisponibilidade emocional da mãe foram diferencialmente associadas à reatividade ao estresse do adrenocorticol das crianças. Além disso, esses contextos de risco familiar previram mudanças no cortisol mais baixo em resposta ao sofrimento. Os resultados são interpretados no contexto das conceituações da teoria da família de risco e da segurança emocional que destacam como os contextos familiares impactam diferentemente nas capacidades regulatórias fisiológicas das crianças.

Palavras-chave: apego; Cortisol; Conflito interparental; Paternidade

BOYNTON-JARRETT, R. et al. Association Between Maternal Intimate Partner Violence and Incident Obesity in Preschool-Aged Children: Results From the Fragile Families and Child Well-being Study. **Archives of pediatrics & adolescent medicine**, v. 164, n. 6, p. 540, jun. 2010.

Resumo : Examinar o impacto da cronicidade da violência materna por parceiro íntimo (VPI) no risco de obesidade em crianças em idade pré-escolar. Estudo de coorte prospectivo. Várias grandes cidades dos EUA. Uma subamostra dos participantes do Estudo de Famílias Frágeis e Bem-estar Infantil (n = 1595), que eram crianças nascidas entre 1998 e 2000 e seus pais entrevistados no início do estudo e aos 12, 36 e 60 meses. Relato materno de abuso restritivo, sexual e físico de um parceiro íntimo. A VPI crônica foi definida como qualquer exposição materna à VPI durante a gravidez ou primeira infância (0-12 meses) e na primeira infância (36-60 meses). Medidas repetidas do índice de massa corporal da criança. Entre as 1595 crianças, 16,5% eram obesas aos 5 anos e 49,4% das mães relataram alguma forma de VPI. Em comparação com aquelas que não tiveram exposição à VPI, as crianças cujas mães relataram VPI crônica tiveram um risco elevado de obesidade aos 5 anos (odds ratio ajustado = 1,80; intervalo de confiança de 95%, 1,24–2,61). Análises estratificadas indicaram risco aumentado de obesidade entre meninas com história materna de VPI crônica (odds ratio ajustada = 2,21; intervalo de confiança de 95%, 1,30-3,75) em comparação com meninos (odds ratio ajustada = 1,66; intervalo de confiança de 95%, 0,94-2,93) e um efeito

maior de qualquer VPI materna sobre a obesidade entre crianças que vivem em bairros menos seguros (odds ratio ajustada = 1,56; intervalo de confiança de 95%, 1,03–2,36). A VPI materna crônica está associada ao aumento do risco de obesidade em crianças em idade pré-escolar. Prevenir a violência familiar e melhorar a segurança da comunidade pode ajudar a reduzir a obesidade infantil.

MANDAL, M.; HINDIN, M. J. From Family to Friends: Does Witnessing Interparental Violence Affect Young Adults' Relationships with Friends? **The Journal of adolescent health : official publication of the Society for Adolescent Medicine**, v. 53, n. 2, p. 187, ago. 2013.

Resumo : A exposição infantil à violência na família de origem está intimamente ligada à perpetração e vitimização subsequentes da violência praticada pelo parceiro íntimo. No entanto, existem poucas pesquisas sobre a relação entre o testemunho de violência e a subsequente violência entre pares. Este estudo investiga os efeitos de testemunhar a violência interparental entre jovens adultos filipinos em seu uso e experiência de agressão psicológica com amigos. A fonte de dados para este estudo foi o Cebu Longitudinal Health and Nutrition Survey. A recente perpetração e vitimização de agressão psicológica por amigos entre jovens adultos com idades entre 21 e 22 anos foi avaliada por meio de autorrelatos da pesquisa de 2005, e o testemunho de violência interparental durante a infância foi avaliado por meio de autorrelatos da pesquisa de 2002. A regressão logística multinomial foi usada para examinar os efeitos de testemunhar a violência interparental no uso subsequente e na experiência de agressão psicológica de um amigo. As análises foram estratificadas por gênero. Cerca de 13% das mulheres e 4% dos homens perpetraram agressão psicológica contra amigos próximos, e cerca de 4% das mulheres e homens foram as vítimas. Quatorze por cento das mulheres e 3% dos homens sofreram agressão psicológica bidirecional. Cerca de 44% das mulheres e 47% dos homens, durante a infância, testemunharam seus pais se machucarem fisicamente. Testemunhar a violência materna e recíproca entre os pais durante a infância predisse significativamente a agressão psicológica bidirecional por amigos entre os homens. Entre as mulheres, testemunhar a violência interparental não prediz significativamente o envolvimento com a agressão psicológica de um amigo. Os programas de prevenção da violência devem considerar o uso de intervenções centradas na família e aplicar uma lente de gênero em sua aplicação. Recomenda-se mais pesquisas sobre as diferenças de gênero na agressão de amigos.

Palavras-chave: agressão psicológica, testemunhar violência, violência interparental, violência entre pares, amigos, Filipinas

NOWAKOWSKI, S. et al. Inadequate Sleep as a Mediating Variable between Exposure to Interparental Violence and Depression Severity in Adolescents. **Journal of child & adolescent trauma**, v. 9, n. 2, p. 109, 1 jun. 2016.

Resumo: A exposição à violência, incluindo a violência entre os pais e entre pares, é uma preocupação de saúde pública associada a resultados negativos, incluindo depressão. No entanto, pouco se sabe sobre os mecanismos pelos quais a exposição à violência influencia os sintomas depressivos. Um fator que pode ajudar a explicar essa associação é o sono problemático. Este estudo buscou determinar se a curta duração do sono medeia a relação entre a exposição à violência (violência entre pais e pares) e os sintomas depressivos. A modelagem de equações estruturais foi usada para examinar o papel mediador da curta duração do sono em um estudo longitudinal de 3 anos com 1.042 alunos do ensino médio. Os resultados demonstraram que a violência interparental foi negativamente relacionada à duração do sono (não foi a violência no namoro de amigos), e a duração do sono negativamente associada aos sintomas depressivos. Adolescentes expostos à violência entre os pais dormiam menos nas noites de escola. Por sua vez, eles relataram mais sintomas depressivos. A curta duração do sono mediou a relação entre a exposição à violência interparental e a gravidade da depressão.

Palavras-chave: violência interparental, violência no namoro entre pares, sono, depressão

ADHIA, A. et al. The Impact of Exposure to Parental Intimate Partner Violence on Adolescent Precocious Transitions to Adulthood. **Journal of adolescence**, v. 77, p. 179, 1 dez. 2019.

Resumo: As transições precoces podem criar estresse ao colocar demandas excessivas nos adolescentes e estão associadas a resultados adversos que se estendem até a idade adulta. O presente estudo avaliou se a exposição à violência parental contra parceiro íntimo (VPI)

está associada a transições precoces de adolescentes para a vida adulta. Os dados vêm de 33.360 indivíduos com 18 anos ou mais nos Estados Unidos que participaram das Pesquisas Epidemiológicas Nacionais de Álcool e Condições Relacionadas. Seis transições precoces (sair de casa mais cedo, sexo precoce, casamento precoce, paternidade precoce, emprego em tempo integral precoce e abandono do ensino médio) foram examinadas. A regressão de Poisson robusta foi usada para calcular os riscos relativos para a associação entre a exposição à VPI e cada transição precoce, ajustando para fatores de confusão. Avaliamos a modificação do efeito por gênero e pela exposição a abuso ou negligência na infância. Os participantes expostos à VPI na infância corriam maior risco de ter relações sexuais precoces; abandono do ensino médio; entrar no emprego de tempo integral precoce; entrar em casamento precoce; e início da paternidade precoce em relação aos participantes não expostos à VPI. Interações significativas entre gênero e exposição à VPI foram detectadas para sexo precoce e resultados iniciais de trabalho em tempo integral, de modo que as associações foram mais fortes para mulheres do que para homens. Os participantes expostos a VPI mais frequente ou mais grave na infância correram um risco ainda maior de experimentar transições precoces. Indivíduos expostos à VPI na infância têm maior probabilidade de passar por transições precoces para a vida adulta. Os resultados destacam a necessidade de intervenções para mitigar resultados adversos na adolescência para crianças expostas à VPI.

Palavras-chave: Violência por parceiro íntimo, adolescência, transições precoces

PERNEBO, K.; ALMQVIST, K. Young Children Exposed to Intimate Partner Violence Describe their Abused Parent: A Qualitative Study. **Journal of Family Violence**, v. 32, n. 2, p. 169, 1 fev. 2017.

Resumo : O impacto negativo da violência contra parceiro íntimo (VPI) começa no início do relacionamento da criança com um cuidador. Os relacionamentos dos filhos e os modelos internos de trabalho dos pais vítimas de abuso raramente foram documentados. O objetivo deste estudo foi coletar e interpretar relatos de crianças sobre seus pais abusados. As entrevistas foram realizadas com 17 crianças de 4 a 12 anos que haviam testemunhado VPI. A análise temática identificou três temas principais e sete subtemas: -Relatos coerentes dos pais (subtemas de -benevolência geral, -provisão de apoio, proteção e nutrição e -sofrimento dos pais); -Relatos deficientes do pai (-relatos vagos e -narrações

desorganizadas)); e -O pai como um gatilho de trauma (-evasão e -descoberta de memórias e pensamentos intrusivos).

Palavras-chave: Criança, Crianças testemunhando violência por parceiro íntimo, Violência doméstica, Pesquisa qualitativa, Relatos de crianças

BROWN, M. J. et al. Adverse childhood experiences and intimate partner aggression in the US: Sex differences and similarities in psychosocial mediation. **Social science & medicine (1982)**, v. 131, p. 48, 1 abr. 2015.

Resumo: Seis em cada dez pessoas na população geral foram expostas a experiências adversas na infância (ACEs). A violência por parceiro íntimo (VPI) é um grande problema de saúde pública nos Estados Unidos. O principal objetivo deste estudo foi avaliar as diferenças sexuais no papel do transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), abuso de substâncias e depressão como mediadores na associação entre ACEs e agressão ao parceiro íntimo. Os dados foram obtidos da Onda 2 (2004–2005) da Pesquisa Epidemiológica Nacional sobre Álcool e Condições Relacionadas. Modelagem de equação estrutural foi usada para determinar o papel mediador do PTSD, abuso de substâncias e depressão na associação entre os construtos ACE (negligência, abuso físico / psicológico, abuso sexual, violência parental e encarceramento / psicopatologia parental) e agressão ao parceiro íntimo. Entre homens, O PTSD mediou a relação entre o abuso sexual e a agressão do parceiro íntimo. No entanto, entre homens e mulheres, o abuso de substâncias media a relação entre o abuso físico e psicológico e a agressão ao parceiro íntimo. Os programas de VPI voltados para os agressores devem abordar o abuso (sexual, físico e psicológico), que ocorreu durante a infância e o abuso recente de substâncias e TEPT. Esses programas devem ser implementados para homens e mulheres. Os programas que visam prevenir o abuso de crianças podem ajudar a reduzir as taxas de depressão e PTSD na idade adulta e subsequente agressão ao parceiro íntimo. Os programas de VPI voltados para os agressores devem abordar o abuso (sexual, físico e psicológico), que ocorreu durante a infância e o abuso recente de substâncias e TEPT. Esses programas devem ser implementados para homens e mulheres. Os programas que visam prevenir o abuso de crianças podem ajudar

a reduzir as taxas de depressão e PTSD na idade adulta e subsequente agressão ao parceiro íntimo.

Palavras-chave: Experiências adversas na infância, Agressão ao parceiro íntimo, Transtorno de estresse pós-traumático, Depressão, Abuso de substâncias, Modelagem de equações estruturais, Mediação

BROWN, M. J. et al. Adverse childhood experiences and intimate partner aggression in the US: Sex differences and similarities in psychosocial mediation. **Social science & medicine (1982)**, v. 131, p. 48, 1 abr. 2015.

Resumo: Seis em cada dez pessoas na população geral foram expostas a experiências adversas na infância (ACEs). A violência por parceiro íntimo (VPI) é um grande problema de saúde pública nos Estados Unidos. O principal objetivo deste estudo foi avaliar as diferenças sexuais no papel do transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), abuso de substâncias e depressão como mediadores na associação entre ACEs e agressão ao parceiro íntimo. Os dados foram obtidos da Onda 2 (2004–2005) da Pesquisa Epidemiológica Nacional sobre Álcool e Condições Relacionadas. Modelagem de equação estrutural foi usada para determinar o papel mediador do PTSD, abuso de substâncias e depressão na associação entre os construtos ACE (negligência, abuso físico / psicológico, abuso sexual, violência parental e encarceramento / psicopatologia parental) e agressão ao parceiro íntimo. Entre homens, O PTSD mediou a relação entre o abuso sexual e a agressão do parceiro íntimo. No entanto, entre homens e mulheres, o abuso de substâncias media a relação entre o abuso físico e psicológico e a agressão ao parceiro íntimo. Os programas de VPI voltados para os agressores devem abordar o abuso (sexual, físico e psicológico), que ocorreu durante a infância e o abuso recente de substâncias e TEPT.

Palavras-chave: Experiências adversas na infância, Agressão ao parceiro íntimo, Transtorno de estresse pós-traumático, Depressão, Abuso de substâncias, Modelagem de equações estruturais, Mediação

AGGRESSION, PATERNAL CHARACTERISTICS, AND CHILD PSYCHOSOCIAL FUNCTIONING.

Journal of child and family studies, v. 23, n. 5, p. 907, 2014.

Resumo: Baseando-se na teoria da segurança emocional, este estudo examinou as ligações entre agressão interparental, comportamentos autorregulatórios do bebê e padrões de respostas fisiológicas e comportamentais ao estresse em uma amostra diversa de 735 bebês que residem em comunidades predominantemente de baixa renda e não metropolitanas. A análise do perfil latente revelou quatro classes de padrões de resposta ao estresse adrenocortical e comportamental aos 7 meses de idade, usando avaliações de reatividade comportamental e de cortisol a um desafio de eliciação de emoção, bem como avaliações globais do afeto negativo da criança e níveis de cortisol basal.

Palavras-chave: agressão interparental, infância, cortisol, reatividade negativa, regulação da emoção

EVANS, S. E. et al. Childhood Exposure to Family Violence and Adult Trauma Symptoms: The Importance of Social Support from a Spouse. **Psychological trauma : theory, research, practice and policy**, v. 6, n. 5, p. 527, 2014.

Resumo : Este estudo examina os papéis do apoio social positivo e negativo de um cônjuge como moderadores potenciais de associações entre experiências de abuso físico e exposição à violência por parceiro íntimo (VPI) na infância e sintomas de trauma adulto. Nossa hipótese é que o apoio social positivo recebido de um cônjuge teria um efeito protetor sobre os sintomas do trauma, enquanto o apoio social negativo de um cônjuge teria um efeito potencializador. Os participantes foram 193 casais recém-casados (total N= 386) recrutado aleatoriamente de um banco de dados de licença de casamento. Os participantes preencheram questionários de autorrelato medindo a natureza e a gravidade dos maus-tratos infantis e sintomas de trauma, e se engajaram em uma breve tarefa gravada em vídeo na qual discutiram um problema pessoal com seu parceiro. Comportamentos de suporte positivos e negativos exibidos durante a tarefa gravada foram então codificados. Os resultados de uma análise de dados diádicos (modelo de interdependência ator / parceiro) indicaram que o apoio social positivo de um cônjuge protegeu os sintomas de trauma entre homens que foram expostos à VPI durante a infância, enquanto o apoio social negativo de um cônjuge potencializou os sintomas de trauma entre os homens que foram expostos a IPV ou abuso físico infantil (CPA).tanto IPV e CPA. Em contraste, os sintomas de trauma das mulheres não estavam relacionados com o apoio positivo ou negativo de um cônjuge. Essas descobertas ampliam as pesquisas anteriores, sugerindo que, para os homens, as provisões diárias de apoio de um cônjuge podem desempenhar um papel fundamental na recuperação pós-traumática.

Palavras-chave: abuso físico infantil, violência contra parceiro íntimo, apoio social, sintomas de estresse pós-traumático

SPILLER, L. C. et al. Physically Abused Women's Experiences of Sexual Victimization and their Children's Disruptive Behavior Problems. **Psychology of violence**, v. 2, n. 4, p. 401, out. 2012.

Resumo: Apesar da substancial coocorrência de experiências femininas de violência física e sexual, muito pouco se sabe sobre seus efeitos separados e combinados no funcionamento infantil. O presente estudo examina se a vitimização sexual vivenciada por mulheres abusadas fisicamente está associada aos problemas de comportamento perturbador de seus filhos, após controlar a vitimização física das mães e a agressão dos pais para com os filhos. Ele também testa a hipótese de que o sofrimento materno medeia a associação entre a vitimização sexual das mulheres e os problemas de comportamento destrutivo de seus

filhos. A amostra inclui 449 mães e seus filhos (4–8 anos) que foram recrutados enquanto residiam em abrigos de violência doméstica. As mães relataram suas experiências de vitimização física e sexual no último ano e seus sintomas atuais de sofrimento psíquico. Diagnosticadores treinados entrevistaram mães sobre os problemas de comportamento perturbador de seus filhos. Aproximadamente 75% das mulheres relataram experiências de vitimização sexual. As experiências de vitimização sexual das mulheres abusadas fisicamente correlacionaram-se positivamente com os problemas de comportamento perturbador de seus filhos e seu próprio sofrimento psicológico. Os resultados das análises de percurso indicaram que o sofrimento psicológico materno medeia a relação entre as experiências de vitimização sexual das mulheres e os problemas de comportamento destrutivo de seus filhos. Esta pesquisa sugere que as experiências de vitimização sexual de mulheres abusadas fisicamente são importantes para compreender os problemas de comportamento perturbador de seus filhos. Além disso, esta pesquisa fornece mais evidências de que o sofrimento psicológico materno é importante para compreender como a violência praticada pelo parceiro íntimo pode influenciar as crianças.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo, vitimização sexual, coocorrência de violência, comportamento destrutivo de crianças

MARSHALL, A. D. et al. The Children, Intimate Relationships, and Conflictual Life Events (CIRCLE) Interview for Simultaneous Measurement of Intimate Partner and Parent to Child Aggression. *Psychological assessment*, v. 29, n. 8, p. 978, 1 ago. 2017.

Resumo: Apesar das taxas substanciais de agressão de pais para filhos (PCA) e coocorrência de agressão por parceiro íntimo (IPA) dentro das famílias, a coocorrência de PCA e IPA em incidentes de agressão não foi examinada anteriormente. Para isso, desenvolvemos a entrevista Crianças, Relacionamentos Íntimos e Eventos Conflitantes da Vida (CIRCLE) para medir simultaneamente incidentes de PCA e IPA psicológicos e físicos. A entrevista CIRCLE foi administrada trimestralmente por aproximadamente um ano a 109 mulheres e 94 homens de 111 casais com um filho primogênito de aproximadamente 32 meses de idade no início do estudo. Demonstrando a capacidade da entrevista CIRCLE de gerar novos conhecimentos sobre a natureza da agressão familiar, descrevemos a frequência de incidentes agressivos, o número médio de comportamentos agressivos dentro dos

incidentes, a ocorrência diária de vários incidentes agressivos e as taxas de co-ocorrência de PCA e IPA dentro do incidente. Com exceção do IPA físico dos homens, os escores de agressão derivados da entrevista CIRCLE exibiram um grau relativamente alto de concordância de relatos entre parceiros, bem como validade estrutural e validade convergente com medidas de agressão comuns. Os relatos de agressão por meio de testes repetidos não foram influenciados pela desejabilidade social ou tentativas de evitar a agressão. Os participantes que perceberam memória aprimorada para agressão em função da participação no estudo relataram aumento nas frequências de PCA e IPA ao longo do tempo. Na previsão de problemas emocionais e de conduta infantil, a entrevista CIRCLE demonstrou validade preditiva e validade incremental sobre as medidas tradicionais de agressão. Pela primeira vez,

Palavras-chave: abuso infantil, violência por parceiro íntimo, agressão psicológica, Escalas de Táticas de Conflito, concordância de relato entre parceiros, transbordamento de agressão

DAVIES, P. T. et al. The Distinctive Sequelae of Children's Coping with Interparental Conflict: Testing the Reformulated Emotional Security Theory. **Developmental psychology**, v. 52, n. 10, p. 1646, 1 out. 2016.

Resumo : Dois estudos testaram hipóteses sobre as consequências psicológicas distintas dos padrões de resposta das crianças ao conflito interparental. No Estudo 1, 174 crianças pré-escolares (M = 4,0 anos) e suas mães participaram de um desenho transversal. No Estudo 2, 243 crianças pré-escolares (M= 4,6 anos) e seus pais participaram de duas ocasiões anuais de medição. Em ambos os estudos, vários informantes avaliaram o funcionamento psicológico das crianças. Guiado pela versão reformulada da teoria da segurança emocional, as observações comportamentais das crianças lidando com o conflito interparental avaliaram suas tendências para exibir quatro padrões com base em sua função em neutralizar a ameaça: seguro (ou seja, lidar com instâncias diretas de forma eficiente), mobilizar (ou seja, reagir para ameaças potenciais e oportunidades sociais), dominante (ou seja, derrotar diretamente a ameaça) e desmobilização (ou seja, reduzir a relevância como alvo de hostilidade). Conforme a hipótese, cada perfil previu padrões únicos de ajuste. Maior segurança foi associada a níveis mais baixos de sintomas de internalização e externalização e maior competência social, enquanto a maior dominância foi associada a problemas de externalização e extroversão. Em contraste, os padrões de reatividade de mobilização previam

mais problemas com autorregulação, sintomas de internalização, dificuldades de externalização, mas também maior extroversão. Finalmente, níveis mais elevados de reatividade desmobilizante foram associados a maiores problemas de internalização e menor extroversão, mas também a uma melhor autorregulação.

Palavras-chave: Conflito interparental, enfrentamento infantil, emocionalidade infantil, psicopatologia do desenvolvimento

COE, J. L.; DAVIES, P. T.; STURGE-APPLE, M. L. The Multivariate Roles of Family Instability and Interparental Conflict in Predicting Children's Representations of Insecurity in the Family System and Early School Adjustment Problems. **Journal of abnormal child psychology**, v. 45, n. 2, p. 211, 1 fev. 2017.

Resumo: Este estudo examinou o papel moderador da instabilidade familiar nas relações que envolvem conflito interparental destrutivo, as representações internas das crianças sobre a insegurança no sistema familiar e seu desajuste escolar precoce. Duzentos e quarenta e três crianças pré-escolares (Idade = 4,60 anos; 56% raparigas) e as suas famílias participaram neste multi-método (ou seja, observações, entrevista estruturada, inquéritos) multi-informante (ou seja, observador, pai, professor), estudo longitudinal. Os resultados indicaram que o papel mediador das representações familiares inseguras das crianças no caminho entre o conflito interparental destrutivo e os problemas de ajustamento das crianças variava significativamente, dependendo do nível de instabilidade familiar. O conflito interparental foi especificamente associado a representações familiares inseguras apenas em condições de baixa instabilidade familiar. Ao apoiar o papel da instabilidade familiar como um fator de risco estável e vulnerável,

Palavras-chave: conflito interparental, instabilidade familiar, teoria da segurança emocional, representações internas, adaptação escolar

ZIAEI, S.; NAVED, R. T.; EKSTRÖM, E. Women's exposure to intimate partner violence and child malnutrition: findings from demographic and health surveys in Bangladesh. **Maternal & Child Nutrition**, v. 10, n. 3, p. 347, 2014.

Resumo: A violência doméstica, em particular a violência praticada pelo parceiro íntimo (VPI), foi reconhecida como uma das principais causas de mortalidade e morbidade entre as mulheres em idade reprodutiva. Os efeitos da VPI contra as mulheres na saúde de seus filhos, especialmente seu estado nutricional, têm recebido menos atenção, mas precisam ser avaliados para compreender as implicações abrangentes da VPI para a saúde pública. O objetivo do presente estudo foi investigar a associação entre a exposição de mulheres à VPI e o estado nutricional de seus filhos, usando dados da Pesquisa Demográfica e de Saúde de Bangladesh de 2007 (BDHS). Modelos de regressão logística foram usados para estimar a associação entre a exposição ao longo da vida de mulheres casadas à violência física e sexual por seus cônjuges e o estado nutricional de seus filhos menores de 5 anos. De 2.042 mulheres na pesquisa BDHS com pelo menos um filho com menos de 5 anos de idade, 49,4% relataram experiência ao longo da vida de violência por parceiro físico, enquanto 18,4% relataram experiência de violência por parceiro sexual. A prevalência de déficit de altura, emagrecimento e baixo peso em seus filhos menores de 5 anos foi de 44,3%, 18,4% e 42,0%, respectivamente. As mulheres eram mais propensas a ter um filho atrofiado se tivessem experiência ao longo da vida de VPI física [razão de chances = 2,027 (OR) adj , 1,48; Intervalo de confiança de 95% (IC), 1,23-1,79] ou foi exposto a VPI sexual (n = 2,027 OR adj , 1,28; IC 95%, 1,02-1,61). As presentes descobertas contribuem para o crescente corpo de evidências que mostram que a VPI também pode comprometer o crescimento das crianças, apoiando a necessidade de incorporar esforços para abordar a VPI em programas e políticas de saúde e nutrição infantil.

Palavras-chave: violência contra parceiro íntimo, crianças, desnutrição, Bangladesh

Resumo : Pelo menos meio milhão de mulheres são vítimas de violência por parceiro íntimo nos Estados Unidos anualmente, resultando em danos substanciais. No entanto, a etiologia da violência contra parceiros íntimos não é bem compreendida. Testemunhar tal violência na infância foi proposto como a principal causa de perpetração na idade adulta, mas permanece desconhecido se a associação entre testemunhar violência por parceiro íntimo e perpetração na idade adulta é causal. Conduzimos uma análise de escore de propensão da perpetração de violência por parceiro íntimo para determinar se o testemunho na infância está associado à perpetração na idade adulta, independentemente de uma ampla gama de potenciais variáveis de confusão e, portanto, pode ser um fator causal. Usamos dados de 14.564 homens americanos com 20 anos ou mais da onda de 2004-2005 da Pesquisa

Epidemiológica Nacional sobre Álcool e Condições Relacionadas. Quase 4% dos homens relataram comportamento violento em relação a uma parceira íntima no ano passado. Em modelos não ajustados, encontramos uma forte associação entre testemunho de violência por parceiro íntimo na infância e perpetração na vida adulta (para testemunhar qualquer violência por parceiro íntimo, razão de risco [RR] = 2,6 [intervalo de confiança de 95% = 2,1–3,2]; para testemunhar frequente ou grave violência, 3,0 [2,3–3,9]). Em modelos de escore de propensão, a associação foi substancialmente atenuada (para testemunhar qualquer violência por parceiro íntimo, RR ajustado = 1,6 [1,2–2,0]; para testemunhar violência frequente ou grave, 1,6 [1,2–2,3]). Homens que testemunham violência por parceiro íntimo na infância têm maior probabilidade de cometer tais atos na vida adulta, em comparação com homens que são semelhantes em relação a uma grande variedade de fatores de confusão em potencial. Modelos etiológicos de perpetração de violência por parceiro íntimo devem considerar uma constelação de fatores da infância.